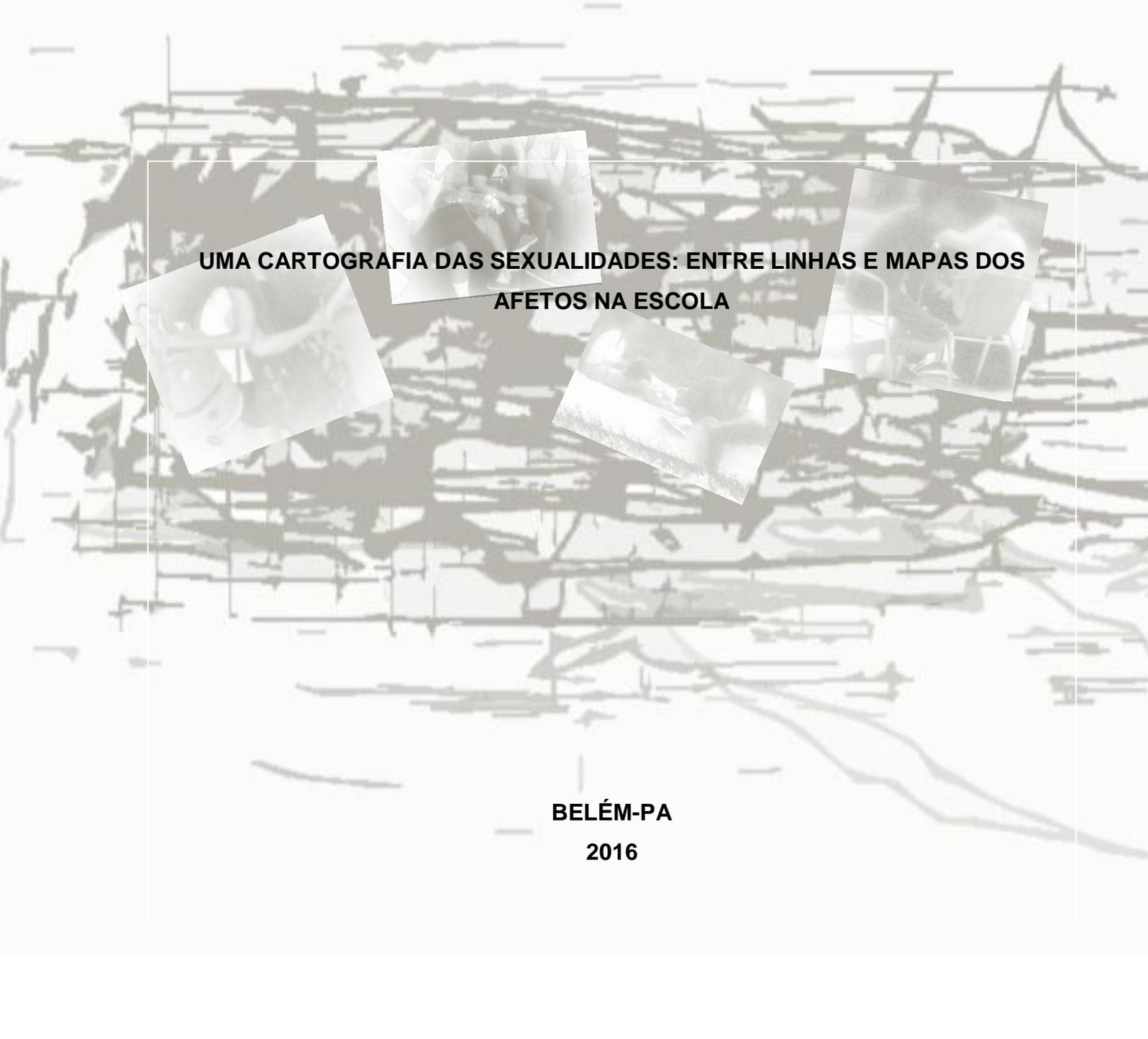




**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ**  
**INSTITUTO DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA E CIENTÍFICA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**  
**EM CIÊNCIAS E MATEMÁTICAS**

**HELANE SÚZIA SILVA DOS SANTOS**



**UMA CARTOGRAFIA DAS SEXUALIDADES: ENTRE LINHAS E MAPAS DOS  
AFETOS NA ESCOLA**

**BELÉM-PA**

**2016**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ**  
**INSTITUTO DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA E CIENTÍFICA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**  
**EM CIÊNCIAS E MATEMÁTICAS**

**HELANE SÚZIA SILVA DOS SANTOS**

**UMA CARTOGRAFIA DAS SEXUALIDADES: ENTRE LINHAS E MAPAS**  
**DOS AFETOS NA ESCOLA**

**BELÉM-PA**  
**2016**

**HELANE SÚZIA SILVA DOS SANTOS**

**UMA CARTOGRAFIA DAS SEXUALIDADES: ENTRE LINHAS E MAPAS  
DOS AFETOS NA ESCOLA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemáticas da Universidade Federal do Pará, como requisito obrigatório da Atividade **Defesa de Tese**, para fins de obtenção do grau de Doutora em Educação em Ciências e Matemáticas.

**Área de Concentração:** Educação em Ciências.

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria dos Remédios de Brito.

**BELÉM-PA  
2016**

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP) –  
Biblioteca do IEMCI, UFPA**

---

Santos, Helane Súzia Silva dos, 1974-

Uma cartografia das sexualidades: entre linhas e mapas dos afetos na escola / Helane Súzia Silva dos Santos, orientadora Profa. Dra. Maria dos Remédios de Brito – 2016.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Educação Matemática e Científica, Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemáticas, Belém, 2016.

1. Diferença – filosofia. 2. Sexualidade e vida. 3. Cartografia. 5. Deleuze, Gilles (1925-1995). I. Brito, Maria dos Remédios de, orient. II. Título.

**HELANE SÚZIA SILVA DOS SANTOS**

**UMA CARTOGRAFIA DAS SEXUALIDADES: ENTRE LINHAS E MAPAS  
DOS AFETOS NA ESCOLA**

Aprovado em 22 de novembro de 2016 pela Banca Examinadora.

**Banca examinadora**

---

Profa. Dra. Maria dos Remédios de Brito  
Orientadora

---

Prof. Dr. Sílvio Donizetti de Oliveira Gallo  
Membro externo – UNICAMP

---

Prof. Dr. Antônio Carlos Rodrigues de Amorim  
Membro externo – UNICAMP

---

Prof. Dr. Jésio Zamboni  
Membro externo – UFES

---

Prof. Dr. Alexsandro Rodrigues  
Membro externo – UFES

---

Profa. Dra. Sílvia Nogueira Chaves  
Membro interno – UFPA

---

Prof. Dr. Carlos Aldemir Farias da Silva  
Membro interno - UFPA

Não, liberdade eu não queria. Apenas uma saída; à direita, à esquerda, para onde quer que fosse; eu não fazia outras exigências; a saída podia também ser apenas um engano; a exigência era pequena, o engano não seria. Ir em frente, ir em frente! Só não ficar parado com os braços levantados, comprimido contra a parede de um caixote.

Kafka

**Aos estudantes da Educação Básica, que neste espaço-tempo  
de construção e defesa deste ensaio/tese, ocupam escolas de  
todas as regiões do país, traçando suas linhas flexíveis e  
fissurando os segmentos duros.**

## **Agradeço,**

Às intensas forças de uma vida – encontros e afetos – que nos invadem, nutrem e nos movimentam.

A Maria dos Remédios de Brito, com quem tive o encontro mais potente nesta Pós-graduação, inicialmente nas aulas de Bases Epistemológicas da Ciência, posteriormente com seus belos textos, os quais me arrancaram de um lugar comum. Tê-la como orientadora foi um presente oferecido pela vida! Gratidão pela acolhida, pelos ensinamentos, pela inspiração e, principalmente, pela amizade.

Deixo aqui, um fragmento do Poema Tabacaria de um dos seus poetas preferidos, para prestar uma singela homenagem. Obrigada por tudo, sempre!

*Não sou nada.  
Nunca serei nada.  
Não posso querer ser nada.  
À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.*

Aos professores do PPGECM, especialmente a Profa. Sílvia Chaves, pelo convívio e pelas conversações.

Aos membros da Banca Examinadora, Prof. Sílvio Gallo, Prof. Antônio Carlos Amorim, Prof. Alexsandro Rodrigues, Prof. Jésio Zamboni, Profa. Sílvia Chaves e Prof. Carlos Farias pelas valiosas contribuições para a construção dessa tese.

À CAPES, pelo fomento.

Aos colegas do Grupo TRANSITAR: Carlos Augusto, Marcelo Boto, Neide Ramos, Edilena Corrêa, Leodiane Baía, Ribamar Oliveira, Diana Santos... pelos momentos em que partilhamos leituras de livros, artigos, dissertações e teses. Pela ajuda mútua, pelas alegrias e pelos momentos de diversão.

Aos meus amigos Marcelo Boto e Carlos Augusto, amigos que levarei para uma vida. Com vocês foi menos difícil enfrentar aqueles momentos desestimuladores. Gratidão pelo apoio, pelas palavras de carinho, por não medirem esforços para me ajudarem nos momentos finais, que foram os mais difíceis. Espero que ainda possamos produzir muitas coisas juntos...

Ao meu pai Benedito Azevedo (*in memoriam*), minha profunda gratidão, por ter me inspirado a traçar linhas que atravessam a produção de conhecimento, por ter me ensinado a afirmar a vida, mesmo nos momentos de lentidão.

A minha mãe Maria José Santos, por todo apoio emocional e estrutural, pelo incentivo e encorajamento, por estar sempre comigo mesmo com a distância.

Ao José, meu filho, pela compreensão da minha ausência, pelas conversas e críticas, pela sensatez, pela força e alegria. Por ser possível conversar por horas sobre Ciência, sobre Filosofia, sobre a vida... sobre esse ensaio/tese, meu primeiro arguidor, sempre observador e perspicaz. Gratidão por tua existência!

## SUMÁRIO

...POR ENTRE GRAFIAS ABERTAS...	12
...ZONAS DE EXPERIMENTAÇÕES...	18
IMAGENS-GRAFIAS DAS SEXUALIDADES	27
Zonas de desterritorialização no espaço escolar	37
Traçados de mapas afetivos	45
NARRAGRAFIAS DAS (DES)ORGANICIDADES DOS CORPOS...	50
(Des)funcional(izando) o ânus	51
Uma pergunta inesperada: quem se masturba?	68
Desejos em pequenos fragmentos de papel	73
O desejo se prolifera pelas entre-vias do espaço escolar	81
DESLOCAMENTOS DE UMA (DE)FORMAÇÃO - VARIAÇÕES DE UMA VIDA	88
PELAS LINHAS FLEXÍVEIS E EM ABERTURAS...	101
REFERÊNCIAS	106

## RESUMO

A sexualidade é um tema clássico, sobre a temática existem vários estudos com diferentes perspectivas teóricas. Nesse ensaio-tese, que se encontra entre linhas não universalizantes ela se faz presente. Argumenta-se, que a sexualidade é pensada como máquina desejante, traçada pelas linhas flexíveis, moleculares e de fuga, as quais fissuram os segmentos consolidados pela máquina escolar, configurando vazamentos, processos de resistências, assim como uma estética e uma política da existência, que nos entre-espacos da escola potencializam outros modos de sentir e de tornar-se. Entende-se que o desejo não é falta, mas produção, criação, invenção; sendo atravessado pelos campos sociais e pelos processos de individuações. Para o estudo problematiza-se, como os corpos experimentam as sexualidades no entre-espaco escolar? O objetivo principal do estudo é experimentar uma cartografia das sexualidades no entre espaco da escola e nos seus arredores que potencializem outros modos de existências para além das formas identitárias. O estudo foi inspirado na Filosofia da Diferença de Deleuze e Guattari, tomando-os como intercessores criativos de leituras e do pensamento. A filosofia desses autores é posta como disparadora de ideias. De modo pragmático, parte-se de encontros com pessoas, imagens, narrativas e com o cotidiano escolar em seus diferentes movimentos (salas de aulas, áreas de recreação, arredores dos muros escolares) em instituições da Educação Básica em Belém do Pará, atravessados pelo tema sexualidade. A partir destes encontros/forças, compõe-se uma cartografia das sexualidades, sendo aqui entendida como um procedimento, ou mesmo, como um plano de composição, que se faz pelas aberturas, pelas zonas de intensidades. Não se buscou um roteiro a priori, que oferecesse um percurso retilíneo para o ensaio; a cartografia entra em um campo de virtualidades, pois os modos de existir configuram movimentos que se compõem por agenciamentos. Seus modos estão nos encontros, que impõem a qualidade da potência nos movimentos, que são de latitudes (afetos/encontros) e de longitudes (movimentos de velocidades, lentidões e repouso). Mapas abertos das sexualidades configuram as imagens-grafias e narrografias, que fissuram o espaco escolar colocando as sexualidades como produções desejantes. O texto convida os leitores a entrar pelas aberturas e fazer suas (de)composições, criando outras vitalidades possíveis em relação às sexualidades no entre-espaco escolar.

Palavras-chaves: Sexualidade – Filosofia da Diferença – Cartografia – Espaco escolar – Singularizações.

## ABSTRACT

Sexuality is a classic theme, on the theme there are several studies with different theoretical perspectives. In this thesis, which is found between non-universalizing lines, it is present. It is argued that sexuality is thought of as a desiring machine, drawn by flexible, molecular and escape lines, which fissure the segments consolidated by the school machine, configuring leaks, resistance processes, as well as an aesthetic and a politics of existence, That in-between spaces of the school empower other ways of feeling and becoming. It is understood that desire is not lack, but production, creation, invention; Being crossed by social fields and processes of individuation. For the study, it is questioned, how do the bodies experience the sexualities in the inter-school space? The main objective of the study is to experiment with a mapping of sexualities in and between school spaces that enhance other modes of existences beyond identity forms. The study was inspired by the Philosophy of Difference of Deleuze and Guattari, taking them as creative intercessors of readings and thought. The philosophy of these authors is a trigger for ideas. Pragmatically this thesis part of encounters with persons, literature, images, narratives and with the scholar every day in it's different movements (classrooms, recreation areas, scholar walls surroundings) on basic education institutions at Belem do Para, crossed by the sexuality theme. From those encounters/strengths, are made the sexuality cartography that cross and are crossed by affections. The cartography, being here understood as a procedure, or even, as a composition plan, that's made by the openings, by intensity zones .Isn't searched a script as priority that offers a straight path for the test; the cartography gets in a field of virtuosities, because the existing ways configure intensities and movements that are built by assemblages. It's behaviors are on encounters/affections and it strengths. Those impose quality potency on movements, that are from heights (affections/encounters) and lengths (speed movements, slowness and rest). Open sexuality maps configure the image-graphys and narrographys that fissure the scholar space putting sexualities as desiring bodies' movements. The text invites the readers to enter by the openings and make their own (de)compositions, making others possible vitalities in relation with the sexualities on the scholar under-space.

Keywords: Sexualities – Difference Philosophy – Cartography – Scholar Space – Singularizations.

...POR ENTRE GRAFIAS ABERTAS...

Quem fala na tese? Multiplicidades...

Quando fomos nós mesmos?

Já não tem mais importância dizer "eu"...

Sem objeto e sujeito...

Experimentação em vez de interpretação...

Linhas, variações, velocidades, lentidões!

Escrever, aqui, não tem a ver com significar...

Mas com cartografar!

Cartografias = imagens-grafias, narragrafias...

Narrativar = vida... experimentar por meio das forças dos afetos, das sensações...

Esquizografias dos afetos [...]

Imagens-grafias de corpos que se experimentam ↔ sexualidades... ≠

Narrativar (grafar) ↔ Vida e movimentos, aulas, escolas...

Superfícies...

A pele dura?

O rosto dura?

O corpo dura?

Tornar-se outro

No outro

Sem outro... com o outro, pelo outro...

Móvel, entre linhas e mapas abertos,  
textos, imagens, fotografias...

Cartografias ↔ mapeamentos ↔ rizomas ↔  
interação contínua de criação

Diferença! Inspiração que lança mão de  
movimentos...

Deleuze entra em cena, a escrita deriva, faz  
agenciamentos, produz uma máquina desejante,  
vibra um corpo sem órgãos, pois Deleuze e  
Guattari promovem encontros com a língua, com  
o pensamento, com a escrita...

Variações! Texto variante!

Processos de subjetivação?

Singularizações?

Outros inspiradores entram em  
cena e produzem uma cartografia  
dos afetos....

Esquizografias das sexualidades...

Entraram em composições,

*Em (de)composições, fazEM disjunções?*

*Encontros que constroem um campo de imanência.*

*Nesse campo de imanência, inventa-se um ensaio-tese...*

*Provar? Experimentar!*

*Entre grafias,*

*Entre vidas,*

*Multiplicidades,*

*Meios, lugares...*

*Potência dos afetos,*

*Como esses corpos se agenciam?*

*Que pode um corpo desejante?*

*Que podem as sexualidades que atravessam esses corpos?*

*Que pode a escola quando corpos são atravessados pela máquina  
desejante da sexualidade?*

*Uma imagem, imagens... fotografias, a que  
podem remeter? Com Rancière, nada além delas mesmas,  
a alteridade entra no campo de composição da própria  
imagem... visibilidade, potência de afetar E SER*

*AFETADO com os encontros...*

*As sexualidades como desejo percorrem outros modos de  
existência...*

*Para além do padrão ditado pelas ciências e pelo discurso da máquina escolar...*

*Uma sexualidade vivida no entre espaço da escola...*

*Como máquina desejante ↔ movimenta fluxos moleculares...*

*Desestrutura os modelos orientados pela escola...*

*Fissura as regras que a consolidam como máquina social.*

*Os corpos fissuram a moldura, o enclausuramento disciplinar...*

*Processos produzidos na escola,  
territorializações, desterritorializações, corpos,  
linhas, mapas em movimentos!*

*Cadernos para (de)compor, câmera de celular,  
tímpanos para escutar, miocárdio para acelerar,  
retinas para matizar, massa cinzenta para criar.*

*Pensamentos inventivos!*

*Texto/ensaio/tese em processos abertos, meio... platôs!*

*Convida os leitores a entrar pelas aberturas e fazer suas  
(DE)COMPOSIÇÕES... outras vitalidades...*

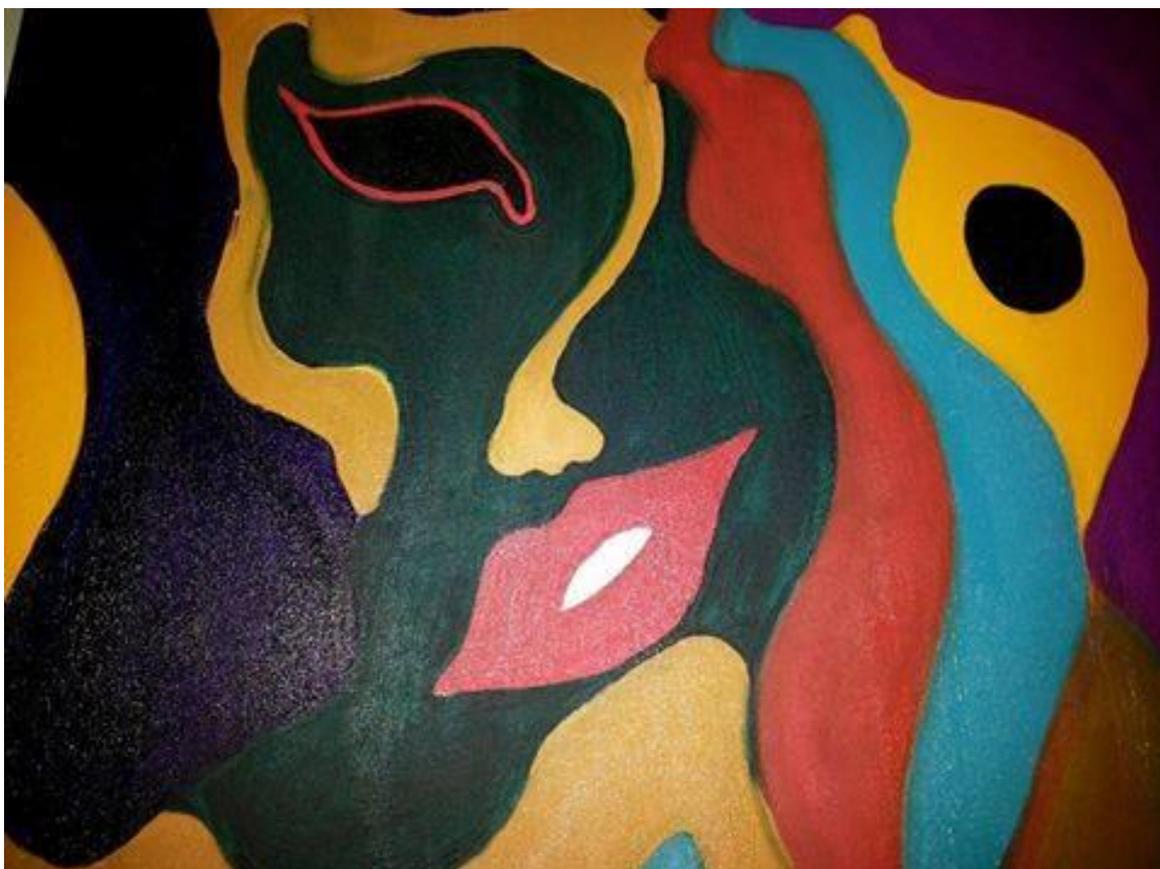
*Maquinaria, procedimento...*

*Imagens-grafias: entre encontros e afetos das sexualidades dos  
vazamentos dos corpos, vidas em transição, passagens, buracos,  
fissuras, nada para representar, mas experimentar.*

*Narragrafias das (des)organicidades dos corpos: Corpo sem órgãos, narrativar processos, desfuncionalizar, sexualidades pelas linhas flexíveis...desejo!*

*Deslocamentos de uma (de)formação- variações de uma vida: abertura, pensamento produtivo, encontros, alunos, cotidiano escolar, corpo como máquina desejante, sujeito desfeito... deslocamentos em fluxos da sexualidade, compõem uma (de)formação para proliferar um outro, uma variação temática, processos criativos de um tema ensaio-tese que difere pela repetição não do mesmo.*

# EXPERIMENTAÇÕES

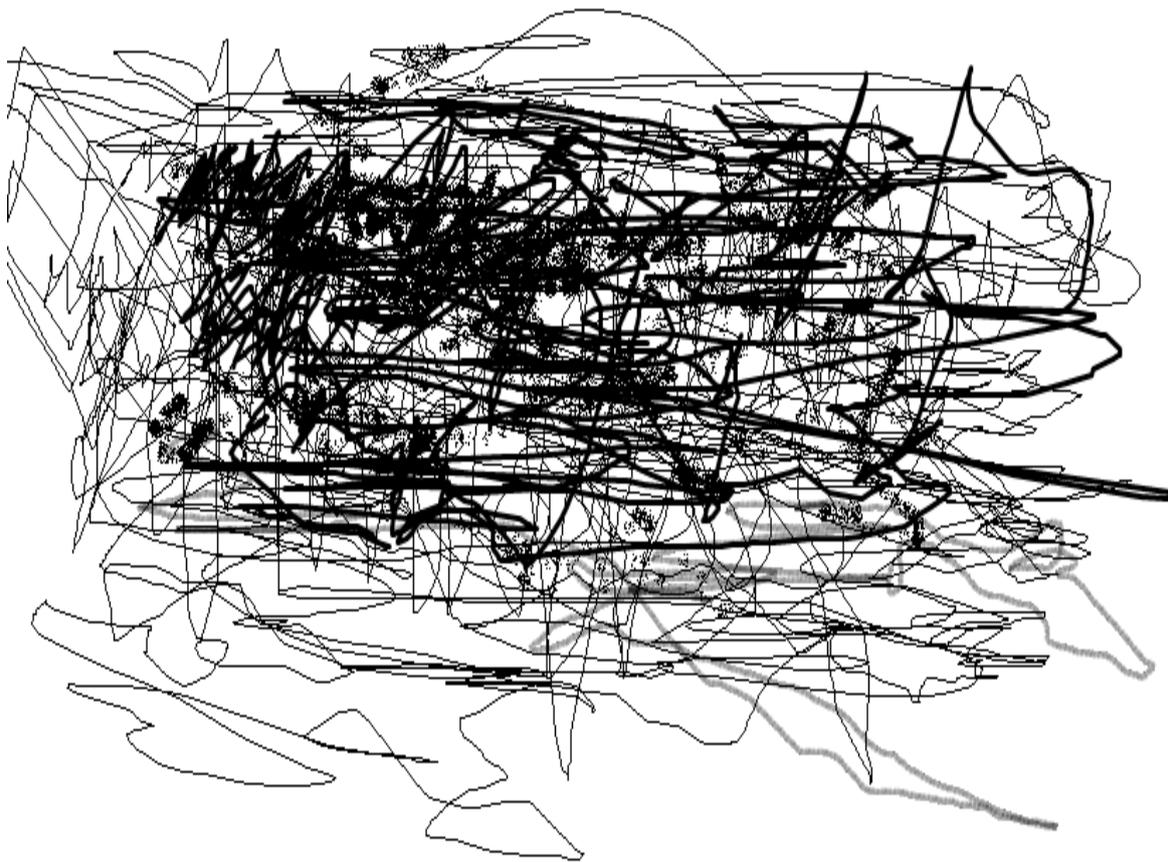


Pintura: Maria Brito.

...ZONAS DE EXPERIMENTAÇÕES...

E quanto a você? Que são suas máquinas desejanter?

(Deleuze)



Pintura digital: Maria dos Remédios de Brito

Corpos, atravessados por intensidades, compõem esse texto de tese matizado por encontros, que conotam as forças da vida, traçadas por linhas e mapas das sexualidades como zonas de experimentações, com suas heterogeneidades.

Os encontros podem mobilizar inspirações, invenções, modos de ver e de tornar-se outro, incessantemente! A maior inspiração para este texto/ensaio/tese veio do encontro com a Filosofia da Diferença, principalmente dos escritos de Deleuze e Guattari, além de seus comentadores e outros autores. Com eles, é dada a partida para pensar as sexualidades como campo estético de criação e invenção de uma vida. Como os corpos experimentam as sexualidades?

Deleuze mostra duas imagens do pensamento, ele procura se afastar de todas as formas da imagem dogmática, da identidade, da semelhança, da representação para afirmar o pensamento sem imagem, pensamento da diferença, do movimento, das passagens, da imanência.

Para Deleuze, o pensamento tem como objeto a diferença pura, se o entendermos como potência criadora (SCHÖPKE, 2012). A diferença, nesta perspectiva, permeia toda obra deste autor e se amplia a partir do seu encontro com Félix Guattari, resultando na Filosofia da Diferença, em sua maior potencialidade, estando ligada aos processos políticos e micropolíticos, remetendo ao exercício da experimentação da vida.

No livro “Diferença e Repetição”, uma obra de extrema importância para o entendimento da diferença, Deleuze critica a Filosofia da Representação. Esta obra sugere um pensamento “sem imagem”, que pensa a diferença não subordinada à identidade, mas como um conceito afirmativo e criativo, refuta a ideia de diferença como contradição e negação, rompendo assim com as ideias cultivadas pela tradição ao longo dos séculos sobre a diferença, como coloca Schöpke (2012, p. 143):

... Era preciso inventar um conceito que libertasse a diferença das regras limitadoras da representação. E libertá-la da representação é libertá-la de sua subordinação à “identidade”, ao “mesmo” e à “semelhança”. É dar a ela “voz” própria, ou seja, é assegurar à diferença uma ontologia sempre negada por uma imagem de pensamento ortodoxa...

A imagem dogmática do pensamento se exprime: “ 1) na crença num pensamento natural; 2) no modelo geral da reconhecimento; 3) na pretensão ao fundamento.” (ZOURABICHVILI, 2016, p.39). Como mobilizar o pensamento? É preciso que ele seja forçado, abalado, arrastado; não há uma disposição natural, há uma incitação fortuita. Não existe uma necessidade a priori para o pensamento, ele acontece a partir dos encontros.

Para Zourabichvili (2016, p. 60), “... O que antes de tudo interessa ao pensamento é a heterogeneidade das maneiras de viver e de pensar...”. Com os encontros, que mobilizam o pensamento, é possível se lançar aos trajetos móveis do conhecimento, criando outras possibilidades que escapem das formas solidificadas de sentir e de viver, através do contato com a criação.

Pelas zonas de experimentações percorridas nos entre-espacos dos territórios do conhecimento, do pensamento e das sensações, esboçam-se lineamentos traçados por (de)composições, que extrapolam modos de viver as sexualidades, para além das amarras biológicas, pedagógicas e culturais.

Para pensar sobre a sexualidade, tornou-se necessário retirá-la dos ergástulos fisiológicos que a naturalizam e a homogeneizam dentro das fronteiras das Ciências, assim como das masmorras classificatórias binarizadoras dos modos de existir. Pois, a sexualidade é, antes de tudo fluida, mesmo quando se deixa segmentar. Ela agencia encontros, faz os corpos afetarem e serem afetados, escapando das segmentações, toma velocidade pelo meio, nos entre-espacos.

Embora, várias pesquisas sejam realizadas no campo da sexualidade, como por exemplo, as que incluem questões sobre gênero e suas variações, neste ensaio-tese a sexualidade é abordada pelo campo teórico da Filosofia da Diferença, como já foi mencionado. Considerando que a sexualidade, para Deleuze e Guattari, está para além da leitura de gênero, não há a intenção de colocar à tona essas reflexões, nem fazer menções a outros trabalhos, pois caberia seguir outros percursos analíticos e investigativos, bem como elaborar outras perguntas.

No decorrer do texto, em vários momentos a sexualidade enquanto modo de experimentar sensações, de criar linhas flexíveis (moleculares e de

fuga), de fomentar multiplicidades, de escapar da identidade e do pensamento UNO, torna-se SEXUALIDADES.

As sexualidades tomam velocidades como máquinas desejanter, que fissuram modos de ser, consolidados pelas linhas molares. Tais fissuras são traçadas por linhas moleculares e de fuga, que podem desarranjar as formas universalizantes da sexualidade. Deleuze e Guattari (2010) tratam da sexualidade como máquina desejanter, tal concepção atravessa todo o Anti-Édipo<sup>1</sup>. Nesta obra, os autores criticam o modo como, no âmbito da psicanálise, confina-se a sexualidade em um triângulo artificial (Édipo) como princípio organizador, cerceando-a, soldando-a ao complexo familiar e asfixiando-a como produção desejanter. Eles criticam o pensamento psicanalítico, possibilitando outros registros de abordagem para a sexualidade, retirando-a do campo da representação e inserindo-a no campo da produção.

A relação que esses autores fazem entre a sexualidade e a máquina desejanter perpassa por como eles concebem o termo “máquina”. As máquinas não podem ser pensadas de um modo metafórico. Segundo Deleuze e Guattari, tudo é máquina. Para eles, “... Há tão somente máquinas em toda parte, e sem qualquer metáfora: máquinas de máquinas, com seus acoplamentos, suas conexões... (2010, p.11)”.

O contexto intelectual, acadêmico, político, social e cultural no qual Deleuze e Guattari construíram o conceito de máquina, envolve as aproximações e rupturas que eles fizeram com o estruturalismo. Segundo Dosse (2010), Deleuze e Guattari estiveram próximos dos autores estruturalistas na década de 1960, mas ambos não estavam satisfeitos com esse pensamento para aderirem às suas teses. Estas eram dominantes na época, como coloca Mostafa (2006, p. 237):

---

<sup>1</sup> Neste livro os autores constroem uma proliferação de conceitos de difícil armadura interpretativa. Eles elaboram teoricamente um ataque a psicanálise, mas nem por isso deixam de dialogar com a mesma, também esboçam um estudo da cultura e do sistema de produção. É importante enfatizar, tal como Deleuze e Guattari nos dizem, que “... ler um texto nunca é um exercício erudito a procura dos significados, e ainda menos um exercício altamente textual em busca de um significante, mas é um uso produtivo da máquina literária, uma montagem de máquinas desejanter, um exercício esquizoide que extrai do texto sua potência revolucionária” (DELEUZE e GUATTARI, 2010, p. 144-145). Assim, termos e conceitos poderão ser usados a favor dessa máquina tese sem desejar efetivamente filiação ou fidelidade, pois aos moldes dos autores, um livro só deve ser lido quando o mesmo nos arranca do lugar comum.

... O estruturalismo francês consolida-se em vários saberes como a antropologia (Lévi-Strauss), as ciências sociais (Althusser e os aparelhos ideológicos do Estado) ou a psicanálise (Lacan). A noção mais geral e importante do estruturalismo como teoria de interpretação do mundo está na noção de estrutura; a significação de um fenômeno não nasce dos elementos individualmente considerados, mas da relação entre os elementos...

O estruturalismo procura analisar a estrutura interna de um fenômeno, as relações entre as partes que o integram num todo, tomando-o como algo capaz de produzir significado. Segundo Dosse (2010), Deleuze e Guattari começaram a esboçar suas críticas a este pensamento antes de se encontrarem em 1969. Guattari rompeu com o lacanismo (a psicanálise de Lacan, que era estruturalista), deixando explícito seu posicionamento no texto “Máquina e estrutura”, no qual ele diz que “... A essência da máquina é justamente essa operação de *desprendimento de um significante* como representante, como ‘diferenciante’, como corte causal, heterogêneo na ordem das coisas estruturalmente estabelecidas...” (GUATTARI, 2004, p. 312). Neste mesmo texto, Guattari cita Deleuze:

Retomando as categorias introduzidas por Gilles Deleuze, a estrutura, no sentido aqui concebido, deveria ser atribuída da generalidade caracterizada por uma posição de troca ou de substituição dos particulares, ao passo que a máquina relevaria da ordem da repetição como conduta e como ponto de vista referente a uma singularidade imutável, insubstituível... (GUATTARI, 2004, p. 309).

Guattari invoca a definição deleuziana de estrutura “... Contra a estrutura, que se define por sua capacidade de troca de elementos particulares, a máquina proviria da repetição, mas no sentido entendido por Deleuze, isto é, a repetição como diferença...” (DOSSE, 2010, p. 189). Assim, Deleuze e Guattari movimentam suas produções acadêmicas em direção à recusa do enclausuramento estruturalista. Neste contexto, em que Guattari se afasta da psicanálise lacaniana e Deleuze produz uma filosofia em ruptura com a ideia de representação, eles começam a esboçar o conceito de máquina, que se consolida na obra conjunta *O Anti-Édipo*.

O desejo é máquina, não é representação de um objeto ausente, mas uma atividade de produção, uma experimentação contínua. A produção desejante é pura multiplicidade irreduzível à unidade. A libido é a energia que move as máquinas desejantes, sempre em um sentido produtivo e não representativo. Os fluxos seriam a objetividade do desejo, não existindo, portanto, um sujeito do desejo ou desejo de objeto (DELEUZE e GUATTARI, 2010). A máquina desejante, ao produzir seus fluxos, mostra a existência das sexualidades e suas singularidades.

As singularidades não são redutíveis a qualquer unidade universalizante, não são pessoas ou indivíduos, mas expressões das diferenças que se misturam e se transformam constantemente, nunca estão dadas ou prontas, estão sempre em movimento.

Para percorrer as zonas de experimentações pelas vias das sexualidades como máquinas desejantes, traçam-se linhas para compor mapas abertos, as quais Deleuze e Guattari se referem como linhas flexíveis (molecular e de fuga) que fissuram outras linhas, denominadas duras ou segmentadas.

Indivíduos ou grupos, somos atravessados por linhas, meridianos, geodésicas, trópicos, fusos que não seguem o mesmo ritmo e não têm a mesma natureza (...) de todas essas linhas, algumas nos são impostas de fora, outras devem ser inventadas, traçadas, sem nenhum modelo nem acaso: devemos inventar nossas linhas de fuga se somos capazes disso, e só podemos inventá-las traçando-as efetivamente, na vida..." (DELEUZE e GUATTARI, 2012, p. 83).

Para Deleuze e Parnet (1998) somos feitos de linhas de natureza bem diversa. Uma das espécies de linhas que nos compõe é de segmentaridade dura (molar), como a família e a escola. Ao mesmo tempo temos linhas flexíveis, moleculares e de fuga, que traçam modificações, delineiam quedas e variações. Estas são sempre primeiras, mesmo quando se deixam segmentar são para fazer fissuras nas superfícies endurecidas.

As três espécies de linhas (molares, moleculares e de fuga) são imanentes, não há preexistência das mesmas, cada espécie é múltipla e elas

se rabiscam, emaranhadas umas nas outras. Existem linhas que são impostas, outras podem ser criadas, inventadas, diante dos traçados singularizantes, há linhas que permanecem por um tempo, outras fazem certas variações mais velozes, não há um modelo efetivo para suas composições. As linhas molares são espécies de segmentos bem determinados, que nos recortam em todos os sentidos. Elas dependem de máquinas binárias, dicotômicas, que operam diacronicamente, como enfatizam Deleuze e Parnet:

... se você não é nem *a* nem *b*, então é *c*: o dualismo transportou-se, e já não concerne elementos simultâneos a serem escolhidos, e sim escolhas sucessivas, se você não é nem branco nem negro, você é mestiço; se você não é homem nem mulher, você é travesti, a cada vez a máquina dos elementos binários produzirá escolhas binárias entre elementos que não entravam no primeiro recorte (1998, p. 104).

As linhas moleculares fazem oscilar as máquinas binárias. Tais linhas fazem correr, entre os segmentos, fluxos de desterritorialização que já não pertencem mais nem a um ou a outro segmento, mas constituem o devir assimétrico de ambos, não se inscrevendo nem em sua oposição nem em sua complementariedade (DELEUZE e PARNET, 1998).

As linhas de fuga não mais admitem qualquer segmento duro, alcançam uma espécie de desterritorialização que força o movimento, a partida, como uma persistência fora do dado. Contudo, são linhas complexas e abstratas, nem sempre são alcançadas ou atualizadas, não se sabe efetivamente o que leva a suas disparações, a seus movimentos. Para Deleuze e Guattari (2012, p. 85) elas “... não consistem nunca em fugir do mundo, mas antes em fazê-lo fugir e não há sistema social que não fuja/escape por todas as extremidades, mesmo se seus segmentos não param de endurecer para vedar as linhas de fuga...”.

Não existe um território sem um vetor de saída, a desterritorialização, o deslocamento para outro lugar. A desterritorialização é um movimento pelo qual um território é abandonado, tornando possível a construção de novos modos de existência que exercitem a afirmação da vida, “... promovendo linhas

de fuga aos modos de sujeição e imposição daqueles que desejam uma vida reativa e sem força fincada pela representação” (BRITO, 2015, p. 329-330).

Cartografar é compor essas linhas, traçando mapas em movimentos abertos, com variações e heterogeneidades. Os cartógrafos não são observadores passivos, que representam e decalcam uma “realidade”, já que não há uma realidade em si para ser representada, mas são partes de um processo movimentado por campos de forças e de afetos.

É pelo meio que a cartografia lança seus movimentos. Quando se ponderam trajetos, entende-se que tais trajetos não se confundem somente com as subjetividades dos que estão a percorrer um meio, mas se confundem com a subjetividade do próprio meio (DELEUZE, 1997).

A ligação da cartografia é sempre com os trajetos, não há um inconsciente memorialístico, documental, que lida com objetos. Sua preocupação versa sobre as mobilidades. Trata-se de destacar percursos, movimentos, meios, para reivindicar uma situação. Para Masny (2013), o texto cartográfico não tem começo nem fim, ele entra pelo meio, por um plano de imanência, sendo uma interação contínua de criação.

Uma cartografia pode ser feita por meio de uma obra de arte, de um livro, de uma poesia, de cartas... Cada uma dessas paisagens compõe seus próprios mapas e trajetos, suas passagens e seus deslocamentos. Os mapas não devem ser compreendidos apenas como uma extensão, em relação a um espaço constituído por trajetos. Os mapas cartográficos referem-se a intensidades, densidades, que dizem respeito ao que preenche o espaço, ao que subtende o trajeto (DELEUZE, 1997).

Para abordar a sexualidade como máquina desejante entre vidas na escola, enfatizando seus fluxos no campo molecular, parte-se de uma cartografia, realizada em escolas da Educação Básica na cidade de Belém do Pará.

Tal como De Amorim (2010), não se quer saber “O que é” a sexualidade na escola, a qual parece remeter a uma essência ou a uma relação causal, mas “como” ela percorre este espaço sendo produção da máquina desejante, fissurando a máquina institucional, com suas regras que a tornam uma armadura.

A sexualidade é uma máquina desejante (superfície de produção), mas também é codificada pela máquina social (superfície de registro-controle que codifica a produção desejante). Entre essas superfícies configuram vazamentos incontidos, que transbordam no espaço escolar e para além dele, proporcionando novas formas de viver o desejo, não se deixando capturar em sua totalidade, não se deixando controlar em linhas duras... E é por esses meios que Deleuze e Guattari parecem sugerir o termo sexualidade como desejo. Tal sugestão foi mencionada por Guattari:

Se Gilles Deleuze e eu tomamos o partido de praticamente não falar em sexualidade, e sim em desejo, é que consideramos que os problemas da vida, de criação, nunca são redutíveis a funções fisiológicas, a funções de reprodução, a alguma dimensão particular do corpo (GUATTARI e ROLNIK, 2005, p.280).

Esses autores sugerem a mutação do conceito de sexualidade para desejo, considerando que ela flui como produção desejante e vaza por entre as segmentaridades duras traçando outros percursos, que fogem das estruturas orgânicas e institucionais.

Assim, a cartografia torna-se uma abertura para sentir a vida em suas variações, para experimentar intensidades, produções, velocidades, lentidões, afetações. As experimentações não se restringem a indivíduos, mas remetem às singularidades, às potências que afetam e se deixam afetar pelos encontros.

Experimentar como as sexualidades traçam seus mapas nas escolas, transitar por entre zonas abertas, sentir-se parte desse processo em trânsito, movimentar-se por seus entre-espacos e suas conexões. Construir vias inventivas para compor este texto/ensaio/tese, com imagens e narrativas, atravessadas pelas sexualidades...

IMAGENS-GRÁFIAS DAS SEXUALIDADES<sup>2</sup>

*Livros, cadeiras, professores, diretores... vidas!*

*Olhares, mãos, corredores, singularidades...*

*Fala, discurso, canetas, vestimentas... vidas!*

*Encontros, afetos, forças, atravessamentos, vidas!*

*Poderes, governos, disciplinas, conteúdos, programas, vidas!*

*Cheiro, olhar, pegar, tocar, beijar... escola!*

*Escola, singularização, poderes, variação, sexualidades!*

*Sexualidades, beijos, mãos, toques, diretores, professores, livros,  
poderes, palavras, vidas!*

*Escola, governo, sexualidade, resiste!*

*Corpo, mão, boca, tua mente, não! Sexualidades! Fica, permanece,  
resiste na escola.*

---

<sup>2</sup> As imagens que permeiam esse fragmento da tese foram produzidas durante as atividades cartográficas realizadas com os alunos das escolas de educação básica na cidade de Belém do Pará. Várias composições, além das imagens foram criadas, como rodas de conversas, produção de textos, poesias, cartas, discussão de filmes relacionados com o tema sexualidade. As imagens fazem parte do arquivo pessoal da autora da tese.



Fotografia e edição: Helane Santos.

Experimentar uma escrita, que articula além das palavras, imagens configurando mapas moventes. Não há pretensão de interpretar ou explicar, nem de impor uma forma de expressão ao vivido, pois as “... imagens não remetem a ‘nada além delas mesmas’.” (RANCIÈRE, 2012, p.11). Para este autor, é possível declarar certos acontecimentos irrepresentáveis.

As imagens são trazidas como grafias e não apenas como registro, seus sentidos são de escape, de (des)conexão, de (des)organização das formas estabelecidas para as sexualidades. Elas passam por movimentos de

experimentação/criação, não há como definir uma linha de causa e efeito entre as palavras e as imagens.

A escrita se faz entremeada com imagens, as imagens-grafias, que não remetem à retenção temporal, não querem eternizar momentos nos espaços de passagens, são fragmentos suspensos de vidas. Elas foram editadas, com o intuito de borrar as configurações daquilo que se pode chamar de sujeito de pesquisa, pois não se trata de representar sujeitos e nem objetos. Esse texto-tese-ensaio compõe um mapa movente dos afetos, que segue transbordando sexualidades no entre jogo de uma estética e uma política do corpo e da vida.

A vida escapa, prolifera uma batalha vestida pela multiplicidade, buscando inventar/criar processos de singularização para além da subjetivação massificada, percorrendo modos de ser, sentir, viver na entre estética e política da existência, emergindo em meio à luta com o dissenso político e corporal (RANCIÈRE, 2005).

As sexualidades não estão dissociadas de práticas políticas que fomentam a indissociável relação com os modos de agir uns com os outros. É em prol do absoluto que se cria a intolerância e a negação de tudo aquilo que não é igual. Mas, é possível exercitar as sexualidades sem horror ou culpa. Podem ser criados modos vitais de afirmação, em meio a uma luta diária com a moralidade, com o julgamento, com a intolerância visível na sociedade. A vida é sempre uma vida, não há vida absoluta, que tenha regras e códigos universais.

Entre a dureza da violência, há também formas de vidas que resistem e solicitam a presença no que difere, para além dos modos inseridos no sistema de representação.

Assim, pretende-se ensaiar pensamentos que se distanciem do campo do pensamento dogmático, das formas pré-estabelecidas, enfatizando as forças que compõem um campo de imanência, e suas interações relacionadas às possibilidades de afetar e ser afetado.

*Fluxos em vazão*

*(Des)coagulação*

*Corpos em (des)função*

*(Des)subjetivação*

*Como tornar-se? Torna-te!*

Nessas linhas esquizográficas, não há tentativas para reencontrar um centro, ao contrário, os traçados de derivação apontam encontros com trajetos móveis, abertos por articulações que rabiscam a invenção de vidas.

Traçar essas linhas é ouvir o barulho das pequenas máquinas desejantes tilintando na escola, extravasando seus muros, desterritorializando seus espaços, construindo rotas inesperadas. Há vazamentos, produções desejantes, ora coaguladas nos espaços em controle, delimitados não apenas pelos muros, mas pelos olhares vigilantes dos que se encarregam de conduzir vidas para uma retidão moral, no que concerne ao exercício das sexualidades.

*...Meu corpo...*

*Minha sexualidade, minhas sexualidades...*

*Meu corpo, minhas linhas, meus desejos...*

*Normalidade!!!???*

*Meu corpo, minha vida... sexualidades,*

*Desejo, produção, vida que fissura, que rabisca, que pensa, que*

*sente, que deseja!!!*

*Escola, campo molar?*

*Escola espaço de vidas, espaço desejante, produção!*



Fotografia e edição : Helane Santos.

*Identidade?*

*Não se é igual, não se é ideal...*

*O corpo varia, a vida é variação...mutação.*

*Sexualidades!*

*Identidade?*

*Normalidade?*

*Padrão sexual?*

*O corpo varia...*

*O corpo difere...*

*O corpo sente...*

*O corpo comporta n' sexo.*

*Quem tem a verdadeira natureza do que seja a sexualidade?*

Os corpos se conectam configurando zonas de intensidades, quando se colocam em posições que fissuram a boa postura, o lugar adequado, a heteronormatividade<sup>3</sup>. Eles deixam-se afetar pelo desejo! Passagens!

Os encontros operam linhas de forças que afetam e modificam os corpos. Deleuze traz o conceito de encontro a partir de Espinosa. Para eles, quando os corpos se encontram produzem afetos que podem desencadear forças de alegria ou tristeza, ou mesmo de velocidade e de lentidão. Os corpos, para Deleuze, são afetados quando encontram aquilo que se pode chamar de signos.

... Encontram-se pessoas (e às vezes sem as conhecer nem jamais tê-las visto), mas também movimentos, idéias, acontecimentos, entidades. Todas essas coisas têm nomes

---

<sup>3</sup> Reprodução de práticas e códigos heterossexuais, sustentada pelo casamento monogâmico, amor romântico, fidelidade conjugal, constituição de família (esquema pai-mãe-filhos) Foster (2001). Para Colling (2015), em seu artigo publicado no n° 202 (p. 24) da Revista Cult, a heterossexualidade não é apenas uma orientação sexual, mas um modelo político que organiza as nossas vidas. A heterossexualidade compulsória consiste na exigência de que todos os sujeitos sejam heterossexuais, isto é, se apresenta como única forma considerada normal de vivência da sexualidade.

próprios, mas o nome próprio não designa de modo algum uma pessoa ou um sujeito. Ele designa um efeito, um zigzague, algo que passa ou que se passa entre dois como sob uma diferença de potencial... (DELEUZE e PARNET, 1998, p.14).

Os encontros não são lidos como simples contato, como uma procura, mas, como aquilo que violenta, que retira algo do lugar, que leva o pensamento, a vida para outras zonas. Um encontro é zigzagueante, pois é sempre atravessado por multiplicidades, sem saber efetivamente o que ele pode, pois não se sabe o que pode um corpo, na esteira de Espinosa. Então, que forças mobilizam os encontros? Eles são da ordem do involuntário, daquilo que atravessa o acaso, fazendo com que o corpo seja carregado, violentado pelas forças que o atravessam e o mantém em estado de variação e dobramento, em que o próximo e o distante não promovem um dentro interiorizado, mas a pele rasga o vento da superfície em que o corpo pode flutuar ou surfar no não determinado.

*Que inteligibilidade pode dizer o que comporta uma vida?*

*Que inteligibilidade se constitui por uma única vida, por um  
único desejo?*

*Existe uma verdadeira natureza para vida? Para exercitar a  
sexualidade?*

*O absoluto está em nosso alcance?*

*Será que a unidade, o absoluto, a identidade, a verdade, a  
causalidade, a objetividade, o sexo podem ser aplicados as variações  
de uma vida?*



Fotografia: Helane Santos.  
Edição: Carlos Augusto Silva.

Os encontros mobilizam intervalos, forças que fazem com que o desejo seja atravessado por um conjunto de diferentes linhas vitais; essas linhas operam com velocidades, lentidões, repousos, e também com efeitos de um corpo sobre outro, configurando atravessamentos de longitude (movimentos-velocidade, lentidão, repouso) e latitude (efeitos-linhas dos afetos), compondo um mapa não decalcado, que põe o campo de composição cartográfica em um complexo movimento de urdidura.

... É num estado de profunda ignorância que se vive, aqui-e-  
agora, na imanência de desafiadoras condições do sentir, do

pensar, do agir... condições cujos blocos se recombinaem a cada lance dos corpos. Há o bloco das condições *longitudinais*, vale dizer: dinamismos dos movimentos de que se é capaz, dos repousos que estão ao seu alcance, das velocidades que pode atingir, das lentidões a que se é submetido, e isso tudo se passa sem que se saiba o que pode o corpo; e há o intempestivo bloco das condições *latitudinais*, vale dizer: a inesperada fulguração de afectos que tomam o corpo no aqui-e-agora, intensificações de um poder, sim, mas de um *poder de ser afetado*. Tudo isso lança as escolhas num jogo não regrado de razões contingentes e de um complicado zigzague de paixões e ritmos, pois implicam o que se passa nos *aqui-e-agora* das conexões entre os corpos... (ORLANDI, 2014, p. 2).

Quando os corpos atravessados pelas sexualidades se encontram, não estão necessariamente presos ao sexo, à identidade, à interioridade do biológico, pois se tudo é desejo, o desejo também é sexual, com ou sem uma matriz genitalizante. O corpo faz linhas de variações, sendo assim, um corpo pode ser atravessado pela pura diferença, desarranjando os códigos, as linhas molares, criando zonas de indiscernibilidade.

É possível fazer composições cartográficas, que sigam as linhas produzidas pelo desejo nos encontros, agenciadas pelas sexualidades. Rastros, rasgos e fissuras põem as sexualidades em um prospecto aberto, pois diz respeito ao campo problemático das singularizações. Se a escola tenta impor o tema como um saber uno, inclusive pelo respaldo da ciência, nos seus entre-espacos, os alunos borram essa codificação genitalizante.

*Um excesso... singularizações,*

*Impressão móvel...*

*Variações acontecem,*

*Vidas saltam,*

*A escola é borrada,*

*A vida é borrada em suas categorias absolutas,*

*Salta a diferença,  
Salta um hiato que nada pode dizer,  
Viver,  
Sentir,  
Variar...*



Fotografia: Helane Santos.  
Edição: Carlos Augusto Silva.

## *Zonas de desterritorialização no espaço escolar*

O cotidiano da escola, esse campo de acontecimentos, é um espaço onde as diferenças se manifestam. Cada vez mais nossas escolas são povoadas pelos “diferentes”: pessoas [...], que vivem a sexualidade de forma diferenciada daquilo que é considerado “normal”. Como olhamos para elas?... (GALLO, 2014, p. 11).

Os muros das escolas delimitam territórios, mas entre eles é possível fazer vibrar com velocidade as produções desejanter que atravessam as sexualidades.

Os alunos aproximam seus corpos, namoram, demonstram seus afetos, inventam outros territórios, buscam a fluidez de suas produções desejanter, fazem experimentações agenciadas pelos encontros. É possível encontrar uma pluralidade de processos que (des)arranjam as codificações das sexualidades dadas pelo *socius*.

Para Deleuze e Guattari (2010), o *socius* é a máquina social, suas formas de produção implicam em elementos de antiprodução, pois forma uma superfície na qual toda a produção se registra e parece emanar dela, mas apenas codifica as produções da máquina desejanter.

Para esses autores, a “realidade” é configurada como conjunto heterogêneo e composta por três superfícies coexistentes entre si: superfície de produção, superfície de registro (na qual está a máquina social codificadora) e superfície de consumação. Eles dizem que as relações distintivas entre homem-natureza, indústria-natureza, sociedade-natureza, condicionam na própria sociedade a distinção dessas superfícies (produção, registro e consumo). Mas eles consideram que a produção seja imediatamente consumo e registro, de modo que tudo é produção.

Na superfície de produção é gerado tudo que existe, pois ela se forma por elementos que ainda não apresentam qualidade nem quantidade, são intensidades puras, que consistem em singularidades absolutamente diferentes, configurando multiplicidades.

À superfície de produção estão integradas as máquinas desejanter, que só funcionam desarranjadas apresentando uma fluidez extraordinária, são moleculares. Quando esta superfície entra na escala das entidades molares, ela passa a ser organizada como superfície de registro.

A superfície de registro pode selecionar, aceitar, capturar, reprimir ou destruir o que é produzido, para colocar a produção a serviço da reprodução, da natureza e da sociedade, tal como estão estruturadas. E na superfície de consumação o produzido é consumido, tanto o que é capturado pela superfície de registro como o que escapa ao seu controle. As três superfícies são percorridas pelas linhas duras (molars) e flexíveis (moleculares e de fuga).

As linhas molares parecem ser as mais evidentes no espaço escolar, considerando a escola como máquina social, a qual se lança na codificação das produções das máquinas desejanter. No entanto, há a imanência mútua das linhas e não é tão fácil desenredá-las; assim, as linhas moleculares são imanentes ao campo social desfazendo as concreções da segmentaridade dura.

Não há a pretensão de opor as duas segmentaridades, a dura e a flexível, pois elas efetivamente se distinguem, mas são inseparáveis, embaralhadas uma na outra. Porém, sempre vaza alguma coisa, que escapa às organizações binárias e à máquina de codificação, forçando a escola a ser visível também como uma máquina de produção desejanter. Ela não se configura apenas como uma instituição passiva no campo das codificações, mas como proliferadora dos encontros e dos desejos.

As imagens-grafias são essas produções desejanter, que levam as sexualidades para além da representação. No espaço escolar, é possível fissurar os blocos estruturantes das sexualidades quando se buscam outros movimentos, fazendo vibrar as singularidades, a vida em seus processos de variação.

Os alunos, ao traçarem suas linhas flexíveis, dentro ou fora da sala de aula, do espaço escolar, buscam um encontro com um meio, como as paisagens dos corredores, das áreas de recreação da escola e da rua, proliferaram processos vitais a partir dos seus encontros, há uma disposição de acoplamentos, de cortes e de agenciamentos, pois “Isso funciona em toda

parte: às vezes sem parar, outras vezes descontinuamente. Isso respira, isso aquece, isso come. Isso caga, isso fode. Mas que erro ter dito o isso” (DELEUZE e GUATTARI, 2010, p. 11). Isso é máquina desejante!



Fotografia e edição : Helene Santos.

*Escola,*

*Zona,*

*Encontros,*

*O que pode um corpo?*

*O que pode a sexualidade como produção desejante?*

*Fluir...*

*Deslocar...*

*Resistir...*

*Afirmar a vida!*

As máquinas desejantes não estão isoladas, conservadas em si mesmas. Ao contrário, o desejo é a potência que arrasta conexões, atrações, pois se está sempre agenciando algo e maquinando um plano de composição. Sendo assim, a máquina desejante é o operador efetivo e afetivo, que chega até mesmo a se confundir com o que se agencia. Para Deleuze e Parnet (1998, p.122):

Máquina, maquinismo, 'maquínico': não é nem mecânico, nem orgânico. A mecânica é um sistema de ligação em cadeia de termos dependentes. A máquina, pelo contrário, é um conjunto de 'vizinhança' entre termos heterogêneos independentes... O que define um agenciamento maquínico é o deslocamento de um centro de gravidade sobre uma linha abstracta.

A máquina desejante opera pelo seu conjunto de vizinhança que liga entrada, saída, movimento, deslocamento, produção. Um gesto que vem de um olhar, de um andar, de uma dança, supõe uma máquina de sentir. Uma linha abstracta sempre a põe em funcionamento, que não se sabe de onde nem como vem, de onde sai sua erupção, sua maquinação. Pois, "... A máquina, na sua exigência de heterogeneidade de vizinhança, atravessa as estruturas com suas condições mínimas de homogeneidade" (DELEUZE e PARNET, 1998, p. 128).

A diferença entre as máquinas que operam nos campos molares e moleculares não é de tamanho e nem está nas máquinas, mas nos regimes que determinam suas funcionalidades e finalidades. Nesse contexto, as sexualidades são produções maquínicas, que atravessam os campos molar e molecular; no primeiro, é codificada e se apresenta de uma forma diferente do que foi produzido no campo molecular.

Se no cerne da máquina escolar, às vezes, não é possível viver a plasticidades dos corpos e seus afetos, o encontro de outras linhas pelas margens se mostra como possibilidade para a proliferação dos movimentos moleculares.

Os meios são as intensidades singulares pelas quais a produção desejante segue sua variação, pois os processos dos encontros máquina-corpo e máquina-sexualidade estão entre os emaranhados de linhas nunca finalizadas, que traçam velocidades, intensidades, latitudes, longitudes, fazem blocos de variação e circunstâncias. Cada uma delas traça um mapa de experiência singular, "... para o que se passa no corpo a ser cartografado, ou para a latitude; para o molecular, para como criar uma cartografia. A cada caso e momento as linhas tendem para estratos, para o caos, ou já para o plano de consistência" (DE AMORIM, 2010, p. 46).

Em qualquer movimento dessas linhas, há modulações, rasgaduras que atravessam, tecem e embaralham movimentos. Há linhas que se articulam, segmentam, quebram outras linhas, há outras que permanecem em seus territórios, outras arrastam e carregam movimentos aberrantes, fazem precipitações, rupturas, mas nunca se sabe efetivamente o que cada linha pode provocar ou promover. Por isso, Deleuze e Guattari (2012b) sugerem a prudência, por exemplo, nas experimentações para que não se caia numa linha mortal.

... não podemos dizer destas três linhas que uma seja má e outra boa, por natureza e necessariamente. [...] há três e até quatro perigos; primeiro o Medo, depois a Clareza, depois o Poder e, enfim, o grande Desgosto, a vontade de fazer morrer e de morrer... (DELEUZE e GUATTARI, 2012b, p. 119).

O medo torna-se um dos perigos vinculado às linhas molares. Faz-nos desejar segurança, já que as máquinas binárias fornecem estatutos bem definidos; o sistema de sobrecodificação gera dominação e os modos de vida são concernidos, pois quanto mais a segmentaridade for dura, mais nos tranquilizamos.

A clareza é relativa às linhas moleculares, ela concerne buracos na estrutura molar, nos segmentos bem definidos é possível invasões, migrações, outras segmentaridades mais flexíveis. Mas, estas podem reproduzir as afetações das linhas duras, já que decorrem destas; esse é o perigo. Para Deleuze e Guattari (2012, p. 120), "... Quanto mais os conjuntos devêm molares, mais os elementos e suas relações tornam-se moleculares: o homem molecular para uma humanidade molar...".

O poder passa pelas segmentaridades duras e flexíveis. Sua impotência configura o grande perigo, ele tenta confinar a máquina de sobrecodificação para fixar nela a máquina de mutação.



Fotografia: Helane Santos.  
Edição: Carlos Augusto Silva.

*O braço, te abraça...*

*O corpo desconfigura,  
 Uma zona abre o disciplinar,  
 A sexualidade não deixa de (r)existir no espaço escolar...*

O desgosto é um perigo que passa pelas linhas de fuga. Tais linhas, quando se tornam incapturáveis, não se conectando com outras linhas, podem se tornar destrutivas... buraco negro!

...as próprias linhas flexíveis que produzem ou afrontam seus próprios perigos, um limiar transposto depressa demais, uma intensidade tornada perigosa porque não podia ser suportada. Você não tomou muitas precauções. É o fenômeno "buraco negro": uma linha flexível se precipita em um buraco negro de onde não poderá sair... (DELEUZE e PARNET, 1998, p. 112-113).

Exercitar as sexualidades nas escolas perpassa por essas linhas e seus perigos. A instituição escolar, como máquina de sobrecodificação pode capturar os fluxos moleculares, mas estes não deixam de escapar pelas fendas desta máquina cristalizadora, mesmo que seja para serem recapturados. E essa dinâmica é sempre agenciada pelo desejo.

*O colorido entra na escola,  
 A segmentarização não freia os corpos,  
 Não limita a sexualidade,  
 Campo familiar?!  
 Campo de encontros,*

*O colorido deixa a sombra,  
Não vai alinhar o que difere...*



Fotografia e edição: Helane Santos.

### *Traçados de mapas afetivos*

A máquina que é disparada pelo desejo parece gozar de uma língua infantil, língua criança<sup>4</sup>, que não tem efetivamente compromisso com a culpa, com a dívida da moralidade julgadora. Seu compromisso parece ser com a máquina potência dos afetos, potência dos encontros, das intensidades singulares, que rasga os extremos pelo simples gesto de um toque afetivo. Ela ergue um trajeto de individuação, de intensidades afetivas que põem o silêncio em alerta. Parece que os mapas cartográficos encontram suas potências em extremo combate com o juízo, com o sistema de julgamento, tão bem destacado por Deleuze no transcorrer de suas obras.

As cartografias querem “escutar o que as crianças” dizem (não no sentido aqui de infantilismo ou ingenuidade, mas no sentido de exploração). As crianças constroem seus meios e mapas sem futuros, sem juízos, elas apenas exploram todos os meios de todas as ordens, pois “A criança não para de dizer o que faz ou tenta fazer: explorar os meios, por trajetos dinâmicos, e traçar o mapa correspondente” (DELEUZE, 1997, p. 73).

Deleuze faz toda uma consideração sobre como as crianças criam seus próprios mapas. A cartografia não incide sobre um centro, uma personalidade, uma memória, uma busca por uma origem, mas sim avalia o deslocar. Como diz Deleuze: “Cada mapa é uma redistribuição de impasses e aberturas, de limiares e clausuras, que necessariamente vai de baixo para cima. Não é só uma inversão de sentido, mas uma diferença de natureza” (1997, p. 75).

Os mapas não devem ser compreendidos só em extensão, em relação a um espaço constituído por trajetos. Existem também mapas de intensidades, de densidades, que dizem respeito ao que preenche o espaço, ao que subtende o trajeto (DELEUZE, 1997, p. 76).

Os alunos traçam seus mapas afetivos. Beijar, abraçar, sentar junto, sorrir, e essa distribuição de afetos faz um mapa de intensidades. Assim, essas produções desejantes já não são uma extensão, uma projeção do regime

---

<sup>4</sup> A palavra criança é utilizada aqui não como pessoa em fase de crescimento, ou como crianças nas escolas, mas como modos de pensamento, como modos de vida.

escolar, e nem é uma derivação do corpo-organismo. Ao contrário de tudo isso, é um mapa de distribuição dos afetos, cuja ligação perpassa pela imagem corpo. Tal imagem é sempre móvel em função de outras constelações afetivas.

Os alunos criam suas táticas de vivência à opressão, configurando uma estética (modo de viver e ser), mas também uma política (modo de falar/pensar/agir), ambas inseparáveis, em plena tensão entre o consenso e o dissenso. É sabido que a racionalidade aceita é aquela que perpassa pela normatividade padrão, mas há outras racionalidades que são criadas, desejadas e inventadas, imprimindo formas de ser e de viver no mundo, em que se expressam limiares de processos singulares.

É possível afirmar que há sobreviventes, mesmo diante de realidades marcadas pela lei, pela norma, pela moralidade autoritária, pelo receio ao que não pertence ao absoluto. Se há várias tentativas de apagamento dos corpos que vivem sua sexualidade não da forma dominante, identitária, há também corpos que emanam ações vitais percorridas pelo desejo como produção de modos de vidas afirmativas.

Assim, estética e política se encontram entre as tensões do estranho e do familiar, da identidade e da diferença, do *logos* e do *pathos*. Nesses campos, emergem batalhas, guerras, resistências que não podem amarrar semelhanças e nem identidades fixas. Não é possível nessa arena apagar os intervalos, negar os hiatos. É preciso partilhar uma vida ética e estética, mas também política, e encontrar meios diários de estabelecer linhas, conexões com vidas e modos de ser/agir que não são universais, mas, ao contrário, são vidas que estão no meio do caos, sempre em fissuras, rachadas, rasuradas, quebradas, desenhando resistências, mesmo por pequenos graus imperceptíveis. Corpo sem órgãos...

*A vida é uma multiplicidade,  
Os corpos produzem a diferença,  
Fazem diferença...*



Fotografia e edição: Helane Santos.

*O corpo resiste,*

*Insiste,*

*Investe,*

*Trans,*

*Travessia,*

*Passagem...*



Fotografia e edição: Helane Santos.

*Sexualidades, n'sexos, n'combinações...*  
*Sexualidades, vidas vividas, modos vitais...*

*Difere vida, vida difere!*



Fotografia e edição: Helane Santos.

## NARRAGRAFIAS DAS (DES)ORGANICIDADES DOS CORPOS...

**As sexualidades resistem às objeções do socius...**

**movimentam-se no andar, no tocar, no rir,  
no chorar, no beijar, no abraçar, no  
sentir...**

**Há forças para deixá-las em lentidões, mas  
não para aniquilá-las.**

Uma escrita experimentação, que não fixa fins para si, mas torna-se processo, potencializando forças de corpos impregnados por seus afetos. Para Deleuze: “Escrever não é certamente impor uma forma (de expressão) a uma matéria vivida...” (1997, p.11). Escrita inacabada! E na sua incompletude faz pulsar vida!

As sexualidades são atravessadas e se fazem atravessar por fluxos vitais, intensificadas pelo desejo ora incontido ora reprimido, mas sempre em um prospecto produtivo. As escolas, como espaços de proliferação de encontros, configuram-se como cenários para  $n$  produções agenciadas pelo desejo.

As sexualidades, como máquinas desejantes, fluem como Corpo sem Órgãos, desfazendo o organicismo, o “eu” como essência, as significações... Abrindo, assim, o corpo para outras conexões intensificadas pelos movimentos que se dão pelos afetos.

O Corpo sem Órgãos se configura como existência, constituindo uma política que se desvia dos sentidos criados pela máquina representacional. Deleuze e Guattari (2012, p. 16) o tratam como “... o ovo pleno anterior à extensão do organismo e à organização dos órgãos, antes da formação dos estratos... que se define por eixos e vetores... pois os órgãos somente aparecem e funcionam aqui como intensidades puras...”. Assim, é possível substituir a interpretação pela experimentação! Desejo como processo de produção!

(Des)funcional(izando) o ânus



Performance "Macaquinhos"<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> A performance mostrou um grupo composto por homens e mulheres totalmente nus, em círculo, explorando com as mãos o ânus do companheiro a frente. O projeto, que nasceu em 2011, já foi apresentado em alguns pontos do país.

**ânus livre...**

cospe,

vaza,

cheira,

sente...

desfuncionalizou,

atravessou,

sem nome,

policiar o ânus?

Vigiar o ânus?

De quem é o ânus?

Vaza, come, cospe, engole...

Desfuncionalizou o ânus... desejo.

Abre-te,

Beija-me,

Toca-me,

Deixa-me...

Bebe-me,

Acarícia-me...

Desfuncionaliza-me...

Durante uma aula sobre reprodução humana no ensino médio<sup>6</sup>, após a visualização de imagens do sistema reprodutor...

*...um aluno solicitou que fosse falado sobre o ânus. Os outros alunos riram, um deles ironizou dizendo que a aula não era sobre sistema digestório, mas o aluno retrucou argumentando que tal estrutura estava na figura mostrada...*

O ânus deveria pertencer a um sistema específico? As Ciências Biológicas foram construídas a partir de uma lógica estruturante de ordenamento dos fragmentos que compõem a vida individual e coletiva. Assim, consideram que a vida se ordena a partir de estruturas mais simples às mais complexas, cada uma com sua função determinada.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) apontam para um Ensino de Biologia, que integra os diferentes fragmentos desta ciência, organizados em diversos níveis de complexidade. Partindo dos mais simples como a Citologia, que estuda as células, consideradas unidades estruturais e funcionais elementares dos seres vivos, ao mais complexo, como a Ecologia, que estuda os ecossistemas, resultantes das interações entre os seres vivos (fatores abióticos) e o ambiente físico-químico (fatores abióticos).

Ao estudar o indivíduo, estar-se-á estudando o grupo ao qual ele pertence e vice-versa; o estudo aprofundado de determinados grupos de seres vivos em particular – anatomia, fisiologia e comportamentos – pode se constituir em projetos educativos, procurando verificar hipóteses sobre a reprodução/evolução de [...] seres humanos... (BRASIL, p. 16, 1998).

Apesar da proposta de integração dos conteúdos desta disciplina, as aulas apresentam as estruturas de forma compartimentalizada, reproduzindo

---

<sup>6</sup> O relato desta aula, desenvolvido nos parágrafos seguintes, foi publicado no trabalho intitulado “Deslocamentos... Fabricações... Experiências Docentes...” (SANTOS e BRITO, 2014) no VII Colóquio Internacional de Filosofia da Educação.

uma lógica consolidada pela Ciência Moderna<sup>7</sup>. Porém, é possível fazer rompimentos com o conhecimento fragmentado, compartimentalizado... a ideia de que cada sistema tem suas funções delimitadas pode ser questionada.

Genes, células, tecidos, órgãos, organismos, espécies, populações, comunidades, ecossistemas... Ordenações, classificações e definições. Os conhecimentos foram gerados nas Ciências Biológicas segundo modelos arborescentes, que se construíram dicotomicamente, considerando uma genealogia das estruturas menos diferenciadas às mais diferenciadas.

O sistema arborescente fixa uma ordem de diferenciação, como nos esquemas da história evolutiva dos seres vivos, neles há sempre um ancestral primitivo que se diferencia dicotomicamente para originar outros seres. Tais esquemas são análogos a árvores, que se ramificam de forma binária.

Para Deleuze e Guattari, (2012a, p. 38) "... a árvore dominou a realidade ocidental e todo o pensamento ocidental, da botânica à biologia, a anatomia, mas também a gnosiologia, a teologia, a ontologia, toda a filosofia". Esse modelo edificou também todo um padrão cultural e normativo da sociedade, fundado em uma moral do bem, da boa conduta, da negação da falha e do engano. Um sistema de pensamento que busca a verdade como coerência e retidão das formas...: o fundamento-raiz. Ainda sobre esse sistema, Deleuze e Parnet colocam que:

As árvores não são uma metáfora, são uma imagem do pensamento, são um funcionamento, são todo um aparelho que se planta no pensamento para fazê-lo andar direito e fazer com que produza as famosas ideias justas. Há todo tipo de caracteres na árvore: ela tem um ponto de origem, germe ou centro, é máquina binária ou princípio de dicotomia, com suas ramificações que repartem e se reproduzem perpetuamente, seus pontos de arborescência... tem um futuro e um passado, raízes e um cume, toda uma história, uma evolução... (1998, p. 21-22).

---

<sup>7</sup> Pela lógica da Ciência Moderna deve ser encontrado um "método universal" para conduzir bem a razão e procurar a verdade nas ciências. O bom método é aquele que permite conhecer o maior número de coisas; para tanto, algumas regras devem ser aplicadas, entre elas a regra da análise proposta por Descartes: "Dividir cada uma das dificuldades em quantas parcelas forem possíveis" (JAPIASSU, 2007). A Biologia é uma ciência que se construiu a partir deste programa de investigação, pois fragmenta os seres vivos para melhor compreender o fenômeno da vida, desconsiderando a sua complexidade.

Essa forma de pensamento, que fomenta uma imagem da vida, forma de conduta, tomou ramificações em vários saberes que servem para montar uma maquinaria, que distribui todo um sistema de ordem e poder, inclusive para a Ciência, e que a deixa posta como saber maior, desligado de outros conhecimentos.

Tais concepções se alastram por todo o sistema de Ensino de Biologia, sendo reforçadas em inúmeras aulas, como numa outra aula de Morfofisiologia. O professor era também legista e fez uma longa fala sobre a função do ânus.

*...num tom humorístico começou dizendo que era um órgão de saída e não de entrada, pois sua forma, sua histologia e sua fisiologia não eram apropriadas para receber um pênis. Com imponência, amparado pela ciência e por sua condição profissional, disse que as pessoas ao praticarem tal ato adquiriam cicatrizes irreversíveis e facilmente identificáveis pela perícia médica.*

As pessoas que praticam sexo anal ficam marcadas para sempre!? Este seria um motivo para não se aventurar a tal experiência, pois custariam marcas corporais perenes que denunciariam uma prática libidinosa não convencional. A fala do professor, que representava a fala da Ciência, destacava toda uma regra para o uso do corpo e dos prazeres, imprimindo como ele deveria ser exercitado.

As relações de poder que atravessam a sexualidade constroem discursos que se sedimentam em verdades, resultando na formação de poderes específicos, como o científico e o pedagógico.

Para Foucault (1999), organizaram-se controles pedagógicos e médicos em torno da sexualidade. Durante alguns séculos, a pastoral cristã e a lei civil fixaram a linha divisória entre o lícito (sexualidade autorizada) e o ilícito (sexualidade periférica). A prática sexual entre pessoas do mesmo sexo estava enquadrada na segunda categoria, legitimada pela ciência médica, como coloca Foucault:

... a medicina penetrou com grande aparato nos prazeres do casal: inventou toda uma patologia orgânica, funcional ou mental, originada nas práticas sexuais “incompletas”; classificou com desvelo todas as formas de prazeres anexos, integrou-os ao “desenvolvimento” e às “perturbações” do instinto, empreendeu a gestão de todos eles (1999, p. 41).

Segundo Foucault (2001), o livro *Psychopathia sexualis* de Heinrich Kaan, publicado em Leipzig, em 1844, foi o primeiro dos tratados de psiquiatria a falar de psicopatologia sexual. Nele, prevalece a ideia de uma naturalização acentuada da sexualidade humana e, ao mesmo tempo, seu princípio de generalização, como pode ser ilustrado na citação abaixo, em que Foucault comenta sobre a obra.

... a sexualidade humana se insere, por seus mecanismos, por suas formas gerais, na história natural de uma sexualidade que podemos fazer remontar até as plantas. É a afirmação de um instinto sexual - *nisus sexualis*, diz o texto - que é a manifestação, não podemos dizer psíquica, digamos simplesmente dinâmica, a manifestação dinâmica do funcionamento dos órgãos sexuais. Do mesmo modo que existe um sentimento, uma impressão, uma dinâmica da fome, que corresponde aos aparelhos de nutrição, vai haver um instinto sexual, que corresponde ao funcionamento dos órgãos sexuais (FOUCAULT, 2001, p. 353).

Para esse *nisus sexualis*, a copulação, considerada como o ato sexual heterossexual, é ao mesmo tempo natural e normal. No entanto, ela não é suficiente para canalizar inteiramente a força e o dinamismo deste instinto. Ele está exposto a uma série de anomalias, disposto a se desviar em relação às normas, incluindo o homossexualismo.

Nas aulas narradas, fica evidente que a ciência e a escola legitimam a naturalização do desejo em direção ao sexo oposto, que corresponde aos comportamentos esperados para o masculino e o feminino; assim, tenta-se consolidar a heteronormatividade que, nesta concepção, é biológica e dada pelo corpo.

A sexualidade, montada pelo padrão heteronormativo, está carregada de pudor e culpa. Há um peso, uma gravidade *a priori*, que impossibilita ou impede

que os indivíduos vivam-na de uma forma que lhes convém, sem o fardo da condenação.

A sexualidade está quase sempre encharcada, alimentada por uma moralidade; utilizando um termo de Nietzsche (2006), a moralina. Esta faz com que os indivíduos, ao viverem determinadas disposições que não estejam dentro do padrão, sejam condenados como perversos, malditos, sujos, feios, anormais, doentes. Ela pode se tornar um horror, uma miséria a ser condenada diante da cultura que finca padrões de normalidade, legitimados pela Ciência.

Ressalta-se que não é a construção de uma verdade, de um veredito, de um padrão de julgamento que é aterrorizador, a questão é: o que esse veredito de normalidade pode produzir ou que ele pode conservar ou mesmo cultivar para a vida? Outra questão é saber que vigências de juízos, ou mesmo de vigilâncias, para com o corpo e suas produções, podem fomentar determinadas ficções que levam ao adoecimento da vida. Isso pode levar a produções lógicas que postulam a criação de um absoluto. Os indivíduos, por esses padrões, tornam-se impedidos de viver a sexualidade, e isso equivale a negar ou mesmo renunciar à vida.

Com tais padrões impostos, inventa-se uma ritualização do sexo e da sexualidade que produz uma imobilidade, uma sedentariedade; a repetição do mesmo, o hábito ritualizado e mecânico que leva a vida, os corpos a adoecerem neste sistema que estrutura uma sexualidade.

Então, a sexualidade é indexada por verdades e clichês; há recusa dos deslocamentos, das transformações... A sociedade tem horror a que esses ritos sejam modificados sob pena de se perder todo um modelo familiar, modelo de família como célula da sociedade, que a escola reforça com suas organizações de semelhança e de moralidade dos costumes.

Há uma recusa, por parte da escola, em perceber as situações eróticas que nela atravessam, as vibrações, as forças do desejo que levam a perturbar e vibrar, mesmo que em pequenas situações, para não deixar a linha sedentária fazer fissuras. No espaço escolar, existem pequenas vibrações que fissuram esse modelo de sexualidade, que podem cortar, despedaçar ou embaralhar o que se considera formas puras, para então misturar uma sexualidade para além da representação.

Essas vibrações não estão no começo, ou mesmo no fim, mas no meio, lá onde as vidas latejam. Há aí toda uma *arquiescritura* corporal que pode levar a se pensar outro ponto vibrátil para se dizer da sexualidade.

A cinematografia vem mostrando essa imagem da sexualidade, como no filme *Uma nova amiga*<sup>8</sup>. Nele, há uma fuga dos estereótipos, considerando as muletas nas quais costumamos nos apoiar para estabelecer julgamentos e interpretações. Seus personagens principais não podem ser descritos por rótulos de sexualidade ou gênero, que se embaralham no decorrer da trama. O filme retrata a sexualidade humana como algo permeável, fluido, em transformação, pois (des)binariza o sexo quando mostra outras possibilidades para exercitar a sexualidade.

Portanto, pode-se problematizar uma sexualidade montada e indexada por catálogos puros, por contratos formais, por obediência, por sacramento, por união fixa homem-mulher, mulher-homem, parceria oficial... é importante destacar, que estas são formas possíveis de viver; o problema é torná-las modelos universais, a partir dos quais se julgam todas as relações concretas. Pois, até que ponto, essa perspectiva pode ser alimentada como prerrogativa da vida, da liberdade, ou como criação e deslocamento? Sexualidade determinada, carimbada pela moral dos bons costumes, mas comportando instabilidades as quais não podem ser contadas, mostradas... Assim, são sempre feitos arranjos funcionais para se conservar determinados padrões universais.

Essa sexualidade burocratizada cotidianamente se torna uma fundação, assim como uma identidade padrão. Como a escola lida com essas subjetividades “não zelosas”? Como a escola lida com esses corpos sexuais que negam a pureza e a retidão da sexualidade normatizada pela cultura? Há uma análise da razão, afinal as linhas molares e moleculares estão emaranhadas, só que se deve indagar: em nome de que vida se põe sempre essas grades analíticas? Em nome do que se deve manter a sexualidade nessa caixa modeladora, razoável e formal?

---

<sup>8</sup> Lançado em 2014 e dirigido por François Ozon, é baseado no livro *Une Nouvelle Amie*, de Ruth Rendell. Venceu o prêmio de Melhor Filme no Festival Internacional de Cinema de San Sebastián no mesmo ano do seu lançamento.

A escola não é um bloco único e homogêneo, está povoada de muitos fluxos e jogos de forças, ou seja, é composta por muitos agenciamentos<sup>9</sup> heterogêneos. Um território onde se passam inúmeros combates, espaço de criação, de passagens, de maquinarias produtivas, de códigos, de poderes, de segmentaridades e de saídas. Também passam pelo campo da escola singularidades, que exercitam modos de sexualidades variadas, porém a própria escola parece escamotear os modos que diferem em tal espaço.

Assim, outras questões podem ser levantadas como provocações: por que não pensar ou problematizar essa sexualidade pura, fechada em determinados contornos, que impossibilitam a escola levar à reflexão e ao problemático, e para além dessa estática moralizante? Como a escola tenta impedir, efetivamente, essa negação de uma sexualidade que alcance o indivíduo em sua singularização sem tanta petrificação social?

Na psicanálise, com sua visão edipiana do desenvolvimento sexual, a sexualidade é reduzida ao interjogo papai-mamãe, ou seja, ela está determinada pela tríade, pai, filho e mãe. O campo do desejo fica restrito a esse movimento familiarista que condena a sexualidade “ao movimento de regressão e progressão” (DELEUZE e GUATTARI, 2010, p. 364), fazendo do inconsciente um fantasma.

Para estes mesmos autores, tal concepção esmaga uma das principais características dos investimentos libidinais: a multiplicidade. A sexualidade pode se constituir por outros territórios, além do que tenta consolidar a psicanálise, quando a considera como algo a ser descoberto nas profundezas da existência humana, tendo Édipo como princípio organizador, como bem coloca Corrêa (2006, p.12):

Quando Deleuze e Guattari criticam a psicanálise por rebater todo o investimento libidinal sobre uma determinação familiar, isso não significa que o pai, a mãe, as experiências infantis vividas na situação familiar não façam parte da cadeia “significante”, porém essas correlações são furtivas entre os

---

<sup>9</sup> Agenciar é conectar à outra máquina, é traçar linhas, sempre moventes, em deslizamentos, alguns casos, linhas desterritorializadas. Depois da obra “Kafka: por uma literatura menor”, Deleuze e Guattari (1977) iniciam uma elaboração aprimorada do conceito de agenciamento e este passa a ocupar um lugar de relevância, o mesmo que a máquina desejante ocupava no *Anti-Édipo*.

agentes coletivos. A libido não pode ser nunca separada de um campo social e dos fenômenos de grupo, sendo sempre maquinada sobre um *socius*. O desejo está sempre investido num campo social, de modo que não há operações abstratas autônomas individuais que obedeçam ao destino que se repete ao longo da evolução humana por meio de articulações simbólicas movidas pelo incesto e sua proibição. Trata-se de investigar as conexões possíveis dos investimentos libidinais da produção desejanste, em que nenhuma triangulação aparece. Os investimentos libidinais são antes de tudo conexões, fluxos e intensidades que não obedecem a uma regra binária entre objeto e sujeito.

As concepções fomentadas pela psicanálise sobre a sexualidade são enfatizadas no documento anexo aos Parâmetros Curriculares Nacionais, denominado “Orientação Sexual”, que constitui um dos temas transversais sugeridos para a educação básica. Ainda na apresentação deste documento, encontramos uma visão da sexualidade essencializada: “Ao tratar do tema Orientação Sexual, busca-se considerar a sexualidade como algo inerente à vida e à saúde, que se expressa no ser humano, do nascimento até a morte” (BRASIL, 1998, p. 287). Além desta visão da sexualidade como função vital construída interiormente, tal documento também enfatiza o desenvolvimento sexual direcionado pela tríade familiar, como mostra este fragmento:

Os contatos de uma mãe com seu filho despertam nele as primeiras vivências de prazer. Essas primeiras experiências sensuais de vida e de prazer não são essencialmente biológicas, mas se constituirão no acervo psíquico do indivíduo, são o embrião da vida mental no bebê. A sexualidade infantil se desenvolve desde os primeiros dias de vida e segue se manifestando de forma diferente em cada momento da infância (BRASIL, 1998, p. 295-296).

Quando documentos oficiais, como os PCN’S, orientam o tratamento do tema sexualidade na educação básica, enclausurado nas concepções científicas, em especial nas Ciências Biológicas e na Psicanálise, parece que na escola é negada uma sexualidade construída, criada a partir das suas produções desejanstes. Sim, pois o desejo não é essencializado, ele é construído em suas relações com o fora. A sexualidade se conota obscura e

precisa ser controlada, daí a grande preocupação posta pelos documentos oficiais.

Schérer (1984) diz que a escola trabalha a favor da exclusão do desejo sexual da criança com o apoio da Ciência. No prólogo da edição francesa do livro “Émile Perverti”, este autor diz que estudos, pesquisas, relatórios sobre a sexualidade são abundantes, já que o tema é vasto. Mas questiona a abordagem da sexualidade na escola, pois para ele parece que ela está suspensa neste local. A educação como um campo de poder não deixa de reforçar um modelo familiar, sendo assim, a escola se coloca de modo geral como um sistema que pode ser restaurador da ordem moral e social. A escola é um investimento social e cultural que busca evitar todo tipo de fissura na ordem molar. A sexualidade, mantida nessa perspectiva, é vista como um aspecto reprodutor, presa aos moldes familiaristas, condenada a tarefa reprodutiva.

Como os órgãos governamentais, ligados à educação, colocam a sexualidade como conteúdo disciplinar, devendo ser transversalizado entre diferentes saberes? Essa pergunta pode ser pensada de forma direta, a partir de Schérer (1984, p. 15)<sup>10</sup>: “o tema entra na escola para assegurar a paz das consciências dos professores e das famílias...”. Também, pode-se pensar que os órgãos governamentais que dirigem a educação colocam o tema sexualidade nos documentos curriculares oficiais porque é interessante assegurar, socialmente e economicamente, o controle da reprodução, o que incide nas taxas de natalidade, por exemplo.

Segundo Altmann (2001), há em alguns trechos dos PCN’S no eixo Orientação Sexual, indicativos normalizadores da sexualidade, sendo que ela é vista sob o ponto de vista biológico, atrelada às funções hormonais, como neste fragmento: “A partir da puberdade e das transformações hormonais ocorridas no corpo de meninos e meninas, é comum a curiosidade e o desejo da experimentação erótica a dois” (BRASIL, 1998, p.317).

A escola tenta estratificar a produção desejante, por meio dos documentos oficiais e seus manuais, compondo catálogos, métodos pedagógicos e disciplinadores; mas como potencializadora de encontros e

---

<sup>10</sup> Tradução livre.

agenciamentos que a atravessam, desarranjos são criados nas aulas, nos corredores, nas ruas pelos alunos e não há como contê-los. Há aí linhas de fuga do desejo, que atravessam as salas, as normas disciplinares, os conteúdos programáticos, os muros das escolas deixando os fluxos vazarem por todos os lados, montando suas maquinações, seus encontros, seus grupos, suas fusões nos enclaves, nas rotas, nas trincheiras.

Essas fugas podem fazer a escola delirar, os corpos delirarem, mesmo que estejam perpassados por oscilações, pois é possível que, mesmo diante dos piores arcaísmos, as linhas de fuga não deixem de insistir.

Os fluxos do desejo são instalados e podem arrastar para uma desterritorialidade o sistema molar institucional. Essas oscilações de hiatos, de linhas flexíveis promovem investimentos produtivos do desejo pelo qual a sexualidade normatizada não sedimentariza a vida.

O desejo é produzido e as pequenas formações desejantes compõem blocos moleculares e singulares que dispersam a unidade e fazem pequenas máquinas proliferarem vários modos de ser e existir.

As conexões derivam das conjunções e das disjunções e se agregam, desagregam formam e deformam diante das produções desejantes, que fazem mapas de intensidades incontroláveis, fazendo fugir binarismos sexuais, binarismos codificantes. Pois como dizem Deleuze e Guattari (2010), o desejo não tem pessoas, sexo, mas meios, agenciamentos, conjuntos, vibrações, fluxos de qualquer natureza, cortes e capturas.

As sexualidades não se limitam ao homem, a mulher, a família. Elas estão em toda parte, remetem a um conjunto de fluxos vitais, de modo que os corpos interceptam, recebem, emitem esses fluxos, conectados a várias configurações, sejam biológicas, políticas, sociais e culturais. Com isso, por mais que as sexualidades estejam também segmentarizadas, elas podem produzir variações que desfazem e fissuram identidades e códigos.

Se a sexualidade é o investimento inconsciente de grandes conjuntos molares, é porque, sob sua outra face, ela é idêntica ao jogo dos elementos moleculares que constituem esses conjuntos em condições determinadas. (...) A sexualidade é estritamente a mesma coisa que as máquinas desejantes

enquanto presentes e atuantes nas máquinas sociais (...) (DELEUZE; GUATTARI, 2010, P. 388).

Há microsexualidades por todos os lados, a escola não para de fazer vazamentos que a embaralham, pois os corpos não deixam de se intercruzar, não deixam de fazer conexões, acoplamentos uns com os outros, em relação às produções desejantes. O desejo subverte a ordem, a estatística, a identidade, o padrão familiar, n'sexos, n'combinações, a "cada um, seus sexos" (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 390).

No fragmento que prossegue, as narrativas da aula de reprodução humana na educação básica, já mencionada, um aluno solicitou que fosse falado sobre o ânus, enunciando a possibilidade de (des)funcionalizar este órgão.

*O ânus também pode ser uma zona de prazer. O aluno pareceu se sentir compreendido, acolhido... então disse ser homossexual, que tinha curiosidades e dúvidas sobre a prática do sexo anal. Todos escutavam! Respeito, apatia, aversão, curiosidade... Talvez estas sensações estivessem povoando aquela sala de aula. Ele prosseguiu dizendo que nutria o receio de estar prejudicando seu corpo, mas o seu desejo era maior e queria continuar vivendo daquele jeito, pois, às vezes, sentia dor durante a penetração. Mas, naquele momento, os conhecimentos científicos se diluíram. Falou-se sobre sensações, experimentações, as quais poderiam estar vinculadas ao corpo e não a partes específicas do organismo. Tentativa de mobilizar outras ideias, outras perspectivas de leituras a respeito da questão.*

No calor do acontecimento, foram percorridas com fluidez as fissuras que se abriam. Por isso, a escola também é um espaço que comporta a

multiplicidade, a diferença, o movimento, as sexualidades... o que convida a todos que interagem nela a pensar outros modos de existência.

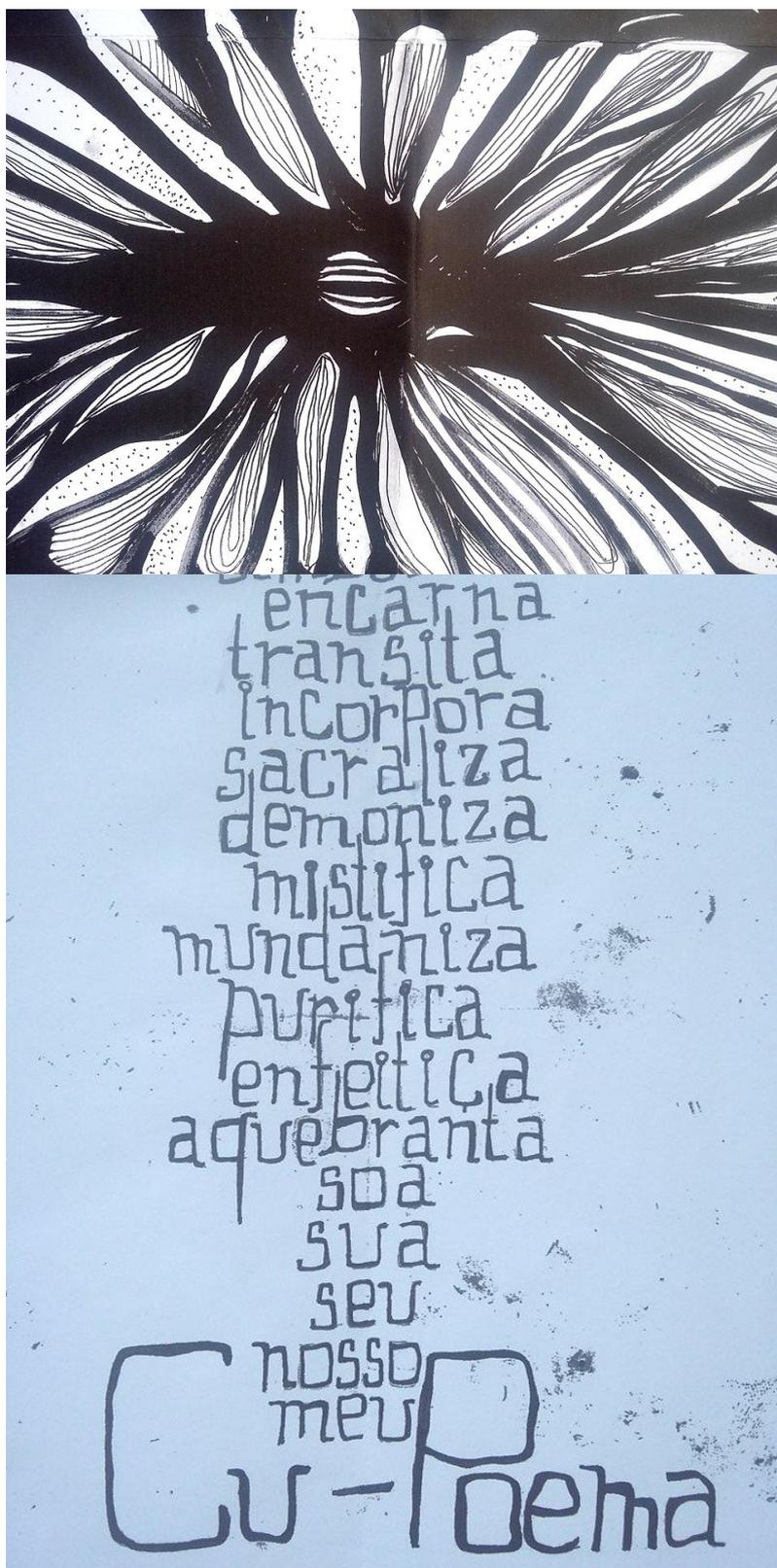
Paul Preciado (2002, p. 18), na esteira de Judith Butler, considera que “...as diferenças sexuais são performatividades normativas inscritas nos corpos como verdades biológicas”. Assim, a heteronormatividade designa regras e normas formuladas para consolidar essas “verdades” em torno do exercício da sexualidade. Este autor propõe:

... uma contrassexualidade que afirma o desejo não mais limitado ao prazer sexual proporcionado aos órgãos reprodutores – que fundamentaria a diferença sexual – mas uma política do desejo capaz de sexualizar todo o corpo, lugar de resistência a toda normatividade (2014, p. 13).

A máquina escolar pedagógica faz seu papel social, ora, mas para se produzir resistência na escola, o que falta? Esse mundo é concebido, é criado, mas para criar é necessário desejar. O apelo? O apelo seria para as forças fora do dogmatismo.

Essa proposta é efetivamente ousada, pois vem de encontro a toda uma epistemologia sedentária e fixa, que impõe padrões, regras, condutas, valores, normas disciplinadoras, que controlam e subjetivam, fomentando comportamentos fechados e negligenciadores do que difere.

As sexualidades percorrem as linhas da diferença que não estão ligadas à reforma da família e do Estado; assim, é possível a travesti, a bicha, a lésbica, o gay, o homoerótico, a sapatão, o homossexual e todos os nomes que a sociedade heterossexual deseja oferecer para conservar o seu nome puro, sem as exigências dos direitos, das normas, dos padrões normalizadores, prontos para serem convocados pela sociedade. Esses corpos, para além de uma política do reconhecimento, querem exercer sua liberdade, rumo a outras experiências não edificantes, que escapam às normas deslizando pelos sistemas de codificação.



Palavra-imagem: Raphíssima.

Imagem-palavra: Michele Cunha.

As narrativas sobre as aulas de reprodução humana e seus deslocamentos movimentam uma (des)funcionalização do ânus. O problema não está no órgão em si, mas na funcionalidade dada a ele, a partir da estratificação subordinada a um sistema de classificação, o qual respaldado pela ideia de organismo como organização orgânica dos órgãos, tornando-o inerte às sensações de prazer, já que é estabelecida uma função fixa para esta parte do corpo.

Para Deleuze e Guattari (2012b), o organismo não é o corpo senão um estrato, um fenômeno de sedimentação que impõe formas e funções, organizações dominantes e hierarquizadas. Por isso “... O CsO grita: fizeram-me um organismo! Dobraram-me indevidamente! Roubaram meu corpo!...” (p. 25).

Para esses autores, o Corpo sem Órgãos não se opõe aos órgãos, mas ao organismo, à organização orgânica. Para Machado (2009, p. 233), “... O organismo é um conjunto regulado de órgãos submetidos a um princípio de unidade orgânica, uma forma que aprisiona o corpo numa organização corporal definida.” Assim, o inimigo dos órgãos é o organismo. O Corpo sem Órgãos não se torna uma ausência dos órgãos, mas se intensifica a partir de suas indeterminações. Em vez de formas e funções determinadas, por ele passam intensidades, afetações, forças, potências, vitalidades que desfazem a organização. Vida não orgânica!

As sexualidades como desejo não estão confinadas ao organismo, especificamente à genitália, mas percorrem múltiplas zonas de intensidades, com suas singularizações e variações. Seguem as linhas abstratas, desfazem as formas, os organismos, pois passam pelo Corpo sem Órgãos!

... “Os órgãos perdem toda constância, quer se trate de sua localização ou de sua função (...) órgãos sexuais aparecem por todo o lado (...) ânus emergem, abrem-se para defecar, depois se fecham, (...) o organismo inteiro muda de textura e de cor, variações alotrópicas reguladas num décimo de segundo”... (BURROUGHS *apud* DELEUZE e GUATTARI, 2012, p. 17).

O Corpo sem Órgãos é a produção desejante, que se dá tanto no indivíduo como no campo social. É possível fomentá-lo no campo da

sexualidade individual, produzindo vitalidades em suas multiplicidades, desfazendo, inclusive, a funcionalidade fixa do ânus, pois o corpo percorre uma plasticidade para além da estrutura organicista.

Uma pergunta inesperada: quem se masturba?



Tela a óleo “Mulher se masturbando” de Gustav Klint (1916).

Era uma aula de Educação Artística! Mas, a sensação não era de estar numa escola participando da aula da “disciplina” já mencionada. Não havia texto a ser lido, nem exercícios a serem respondidos, nem pesquisa a ser realizada nos livros... Havia um movimento estranho assombrando o pensamento, sempre tão condicionado a esperar pelas aulas ora previsíveis. E este movimento começou quando o professor disse que os alunos iriam exercitar a oralidade respondendo perguntas sobre si mesmos. Ele apresentou uma caixinha fechada e anunciou que ali estavam as perguntas, ela deveria ser repassada entre os alunos, que se organizaram em círculo enquanto uma música tocava. A caixinha seria aberta pelo aluno que estivesse segurando-a quando a música parasse, ele então deveria tirar apenas uma pergunta para respondê-la em voz alta. Uma descarga coletiva de adrenalina! Mas, não foi uma descarga máxima, pois algo inesperado aconteceu que demandou mais desta substância na corrente sanguínea.

A música parou, coração aliviado, a boca voltou a salivar para em seguida secar ainda mais que antes. Um garoto estava segurando firmemente a caixinha, mas quando ele leu a pergunta todos empalideceram. Inacreditável! Aquela cena acontecia ali, era uma escola, uma aula... Havia uma pergunta a ser respondida diante de todos: você se masturba?

Nos poucos segundos entre a leitura da pergunta e a resposta, um turbilhão de pensamentos e

*sensações povoaram as mentes dos alunos: invasão de privacidade, vergonha, raiva, medo, excitação, confissão, pudor, vontade de sair da sala e ir reclamar na coordenação, curiosidade... Movimento! Que se intensificou quando o aluno respondeu sim. Ele ainda quis ampliar a resposta, disse que achava bom conhecer seu corpo, fazia isso com frequência e achava natural.*

*Este seria um assunto para ser abordado na escola? O que iriam falar os pais, os outros professores, a coordenação, a direção... se soubessem daquela aula? Já que esta instituição tenta manter o controle sobre o que se fala e se faz em relação à sexualidade dentro de seus muros.*

Na escola, fala-se sobre a sexualidade nas aulas de algumas disciplinas específicas, como Ciências Naturais e Biologia, legitimando os manuais postos por esta instituição para ditar como os corpos devem vivê-la. Mas também, fala-se dela por outras vias, quando o supervisor solicita que os alunos não fiquem namorando nos seus espaços, quando os professores cruzam olhares, fala-se de sexualidade quando um diretor olha para a vestimenta ou corpo de um aluno, assim como em tantas outras situações.

Na escola tanto professores, alunos e funcionários estão imbricados em uma rede de produções desejantes, que muitas vezes a escola tende a negligenciar. Caberia ponderar que a sexualidade está para além dos códigos, que permitem ou não, como se deve ser ou fazer determinadas práticas sexuais, sendo possíveis as leituras sobre ela.

Quando se pensa essa questão na escola, alguns questionamentos podem ser levantados: falar de sexualidade para disciplinar? Falar para governar? Silenciar as sexualidades? Em que medida as sexualidades podem ser manifestadas na escola sem que ocorra o governo dos corpos e das vidas? Como as sexualidades podem se manifestar na escola sem uma forma reativa e proibitiva? Que silêncios são cultivados na escola sobre as sexualidades? As

fugas, as resistências são sempre não anunciadas. As respostas não estão prontas.

Na escola, as sexualidades podem ser faladas, aceitas por meio da prática escolar normalizadora, que toma como base a própria ciência. Porém, ela também segue por outras vias, pois é possível viver experiências diversas com o corpo. Seria possível pensar uma prática pedagógica, que inclui perguntas sobre o exercício da sexualidade para serem respondidas pelos alunos, oralmente, diante de um professor e uma turma inteira? Não seria isso uma prática de confissão elaborada pelo professor, respaldada pela escola, como uma forma de vigiar as condutas corporais e sexuais?

Seria inexato dizer que a instituição pedagógica impôs um silêncio geral ao sexo das crianças e dos adolescentes. Pelo contrário, desde o século XVIII ela concentrou as formas do discurso neste tema; estabeleceu pontos de implantação diferentes; codificou os conteúdos e qualificou os locutores. Falar do sexo das crianças, fazer com que falem dele os educadores, os médicos, os administradores e os pais. Ou então, falar de sexo com as crianças, fazer falarem elas mesmas, encerrá-las numa teia de discurso que ora se dirigem a elas, ora falam delas, impondo-lhes conhecimentos canônicos ou formando, a partir delas, um saber que lhes escapa – tudo isso permite vincular a intensificação dos poderes à multiplicação do discurso (FOUCAULT, 2001, p. 31-32).

Do século XVII até o final do século XIX, tentou-se praticar a normalização no domínio da sexualidade. Neste período as instituições de correção (como a família e a escola) dedicaram cada vez mais atenção à masturbação como sendo o cerne do problema (FOUCAULT, 2001).

Numa das cenas do filme *A Fita Branca*<sup>11</sup>, um garoto tem as mãos amarradas pelo pai todas as noites antes de dormir, uma medida para que não se masturbe evitando não só um ato pecaminoso, como também a

---

<sup>11</sup> Lançado em 2009, dirigido por Michael Haneke, aborda a história de crianças e adolescentes de um coral dirigido pelo professor primário de um vilarejo na Alemanha e suas famílias: o barão, o reitor, o pastor, o médico, a parteira, os camponeses. Nele são enfatizados métodos rígidos de disciplina e educação no início do século XX, mostrando uma sociedade com uma estrutura patriarcal altamente autoritária, marcada pelo signo da punição. É um filme com imagens em preto e branco, quase sem som, com longos períodos de silêncio, com poucos diálogos, que apenas se adaptam as cenas.

patologização da vida sexual. O filme mostra o quanto o sexo e o corpo são controlados, mas não silenciados.

Com a nascente biologia da sexualidade a partir do século XIX, a masturbação começou a adquirir uma regularidade científica. Tal transição proporcionou também que ela passasse para a organização dos controles de anomalias, como técnica de poder e de saber (FOUCAULT, 2001). Para este autor, a masturbação foi “... a forma primeira de sexualidade revelável... o discurso da revelação da sexualidade começa essencialmente com ela...” (p. 243).

Ansolin (2014), ao produzir uma “Cartografia da História da Sexualidade” infere: “... a sexualidade resiste a uma padronização, que não seguiu, de forma fiel, os modelos impostos pelas sociedades no decorrer dos séculos (p. 19)”. Este mesmo autor diz que Foucault nos faz ver que a sexualidade, em toda a história, sempre escapou dos modelos, pois o que se tenta ocultar está aí, pronto para resistir.

Nesse campo das resistências, as linhas flexíveis desenham um mapa em que o corpo se faz desejante, fissurando os processos de capturas codificantes. Pois, no aparente rosto lúdico da escola e da abertura fomentada pela pedagogia do professor sobre a sexualidade, há a condução de uma rostificação. Mas, ao rosto não se chega e nunca se chegará, ele é um por vir. A escola não chega à sua integralidade, mesmo com todos os seus modelos, o rosto é aberto, cavando sempre um buraco para povoar outras maquinações para vida. Se o rosto forma cabeça, braço, perna, seio, boca... ele também cava sua diferença... difere por todos os lados.



As sexualidades, como desejo, devêm individuações, singularizações, criações a partir da plasticidade dos corpos. Desfazem formas, seguem por trajetos errantes, traçam linhas e mapas abertos sem moldes ou contornos definidos.

Gilbert Simondon, pensou um conceito original de individuação, partindo da recusa do monismo substancialista e do dualismo hilemórfico, que explicam a individuação considerando o indivíduo já constituído. No monismo substancialista o ser é considerado uma unidade atômica com um núcleo estável que existe por si só. O indivíduo, composto por matéria e forma, é concebido pelo dualismo hilemórfico. Mas, para Simondon uma forma pura e uma matéria amorfa não existem, o ser se desdobra ao individuar-se, há um devir do ser e não um modelo do ser que exaure sua significação.

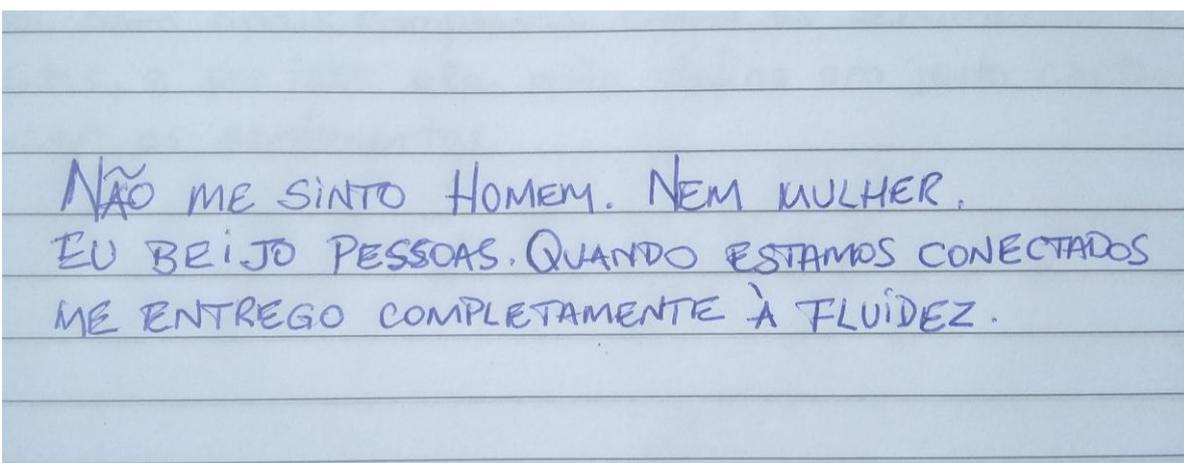
... Para pensar a individuação é necessário considerar o ser, não como substância, matéria ou forma, mas como sistema tenso, supersaturado, acima do nível da unidade; não consistindo unicamente em si mesmo [...]; o ser concreto ou ser completo, isto é, o ser pré-individual, é um ser que é mais que uma unidade. [...] a unidade e a identidade não podem ajudar a descobrir o princípio de individuação; elas não se aplicam à ontogênese, entendida no sentido pleno do termo, isto é, ao devir do ser enquanto ser que se desdobra e se defasa individuando-se... (SIMONDON, 2003, p. 102).

Para Deleuze, que parte do campo intensivo de individuação de Simondon, o ser também é pensado como um sistema em tensionamento, acima do nível da unidade e não como substância, matéria ou forma. Há um meio pré-individual, virtual, no qual se encontram diferenças de intensidade (DELEUZE, 2010).

Não há sujeito! E sim relações de movimentos entre elementos não formados definidos por afetos. Para Deleuze: “... Não há mais formas [pré-existentes], mas relações cinemáticas entre elementos não formados; não há mais sujeitos mas individuações dinâmicas sem sujeito” (DELEUZE e PARNET, 1998, p.109).

Partindo do pensamento de Simondon e Deleuze, sobre o princípio da individuação, pensa-se uma sexualidade não submetida a estruturas, a sujeitos pré-definidos, mas intensidades, forças que movimentam os indivíduos, os quais formam um conjunto de diferenças individuantes, que não param de penetrar-se entre si.

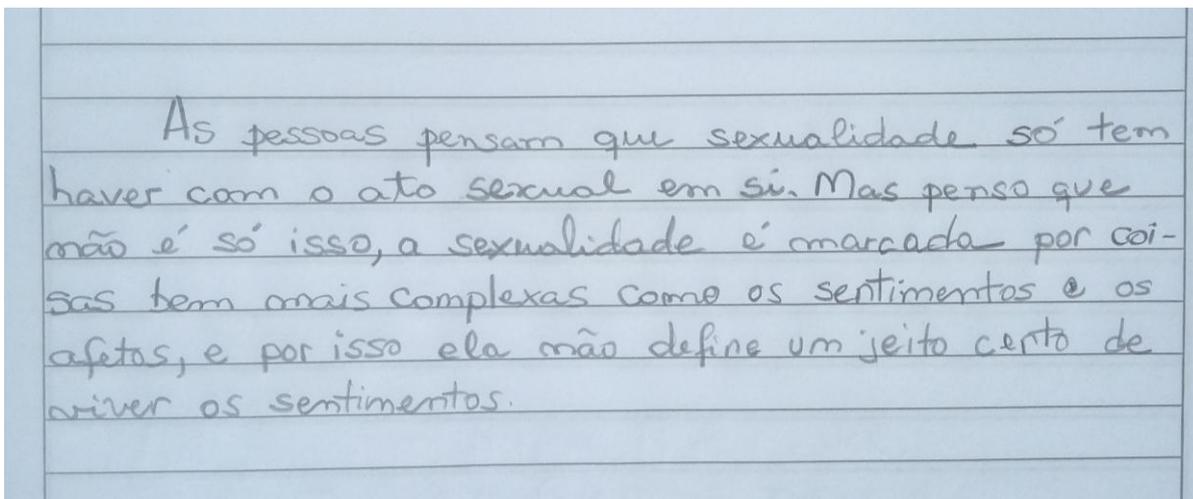
É possível cartografar na escola essas diferenças individuantes em relação às sexualidades, já que nesse espaço há proliferação de encontros, de linhas flexíveis, de afetos... Alguns desses movimentos compõem “pequenos fragmentos de desejos”, em pedaços de papel os alunos escreveram sobre as sexualidades.



É importante dizer que esses fragmentos não remetem a uma confissão. Confessa-se quando se procura um núcleo verídico, um sujeito da verdade. Para Deleuze, há hecceidade que é “o que me ataca”. “Quando se escreve ecceidade sem o “h”, tal palavra deriva de ecce, “eis aqui” (DE AMORIM, 2010, p. 35). Ou seja, não há interior, mas fora, multiplicidades, sem a noção de sujeito moderno, mas proliferação de modos de individuações. Sem centro, a singularidade é um meio que é percorrido por composições, traços, linhas, remetendo para diferentes velocidades e lentidões.

Rago (2014) coloca, no seu livro “A aventura de contar-se...”, que não se trata de afirmar uma identidade a partir de uma autoridade exterior, mas de abrir possibilidades para o devir, do ser outro do que se é, escapando às formas de captura das linhas endurecidas, ligando os fios do fora, da experimentação de como tornar-se outro.

Traçam-se movimentos experimentais, vozes sem fundo ou interioridade, singularidades que fazem tessitura pelos afetos, pelos encontros... vozes sem ecos que fazem a sexualidade ser ponderada como linha de existência, linha de experimento vital.



As escritas sinalizam a existência de linhas flexíveis, que as atravessam, fazendo vazar a sexualidade do ato sexual, sentida fora da precisão dada pela ciência por meio da genitália, mas ligada aos afetos e por isso não há uma verdade que define como vivê-la.

Para Deleuze e Guattari (2012, p.83): “devemos inventar nossas linhas de fuga se somos capazes disso, e só podemos inventá-las traçando-as efetivamente, na vida... certos grupos, certas pessoas não as têm e não as terão jamais...”. Contudo, isso não remete para absolutizações, mas ao que o corpo pode, que forças ele suporta, que potência é letal ou vital.

Talvez nunca consiga viver livremente minha sexualidade, nem na escola nem fora dela, porque sei que gosto de pessoas do sexo oposto e também do mesmo sexo, se minha família ou meus colegas soubessem diriam que sou gay. Comecei a entender o que eu era no meio disso tudo através da leitura de mangá onde descobri o futanari (pessoa que possui um órgão genital masculino e outro feminino) e aí pensei que se na vida real não posso viver o que sinto então poderia ser escritor e desenhista e criar roteiros para histórias que falam da sexualidade de forma diferente. Já criei duas temporadas, uma em que um garoto tem 6 namoradas, mas gosta de um garoto também, na outra temporada a irmã dele vive um relacionamento com uma garota dentro de um colégio interno e as duas dividem o mesmo quarto no alojamento. Já estou pensando numa outra temporada...

A literatura, os personagens, apontam graus de potências de afetos, de desejos, como um corpo sem órgãos, desenhado para solicitar para si o desfazer do organismo, como traição da máquina estrutura, da máquina corte-vida. O meio inventado é uma forma de fissurar os estratos fechados e com isso não deixar seus “n” sexos serem roubados pelo significante.

Se o organismo persegue os fragmentos, de uma forma que o corpo é impedido de fazer outras composições, ele faz dobras, um órgão dobra o outro deixando de ser um mero órgão para desejar outra coisa. O corpo nunca é efetivamente um organismo, ele deseja outra coisa, ele persegue uma virtualidade, um outro, persegue um ultrapassamento territorial para resistir à vida orgânica. Como diz Deleuze: “Não se pode mais nem dizer que a morte transforma a vida em destino, num acontecimento ‘indivisível e decisivo’, mas, sim, que ela se multiplica e se diferencia para dar à vida as singularidades” (DELEUZE, 2005, p. 102).

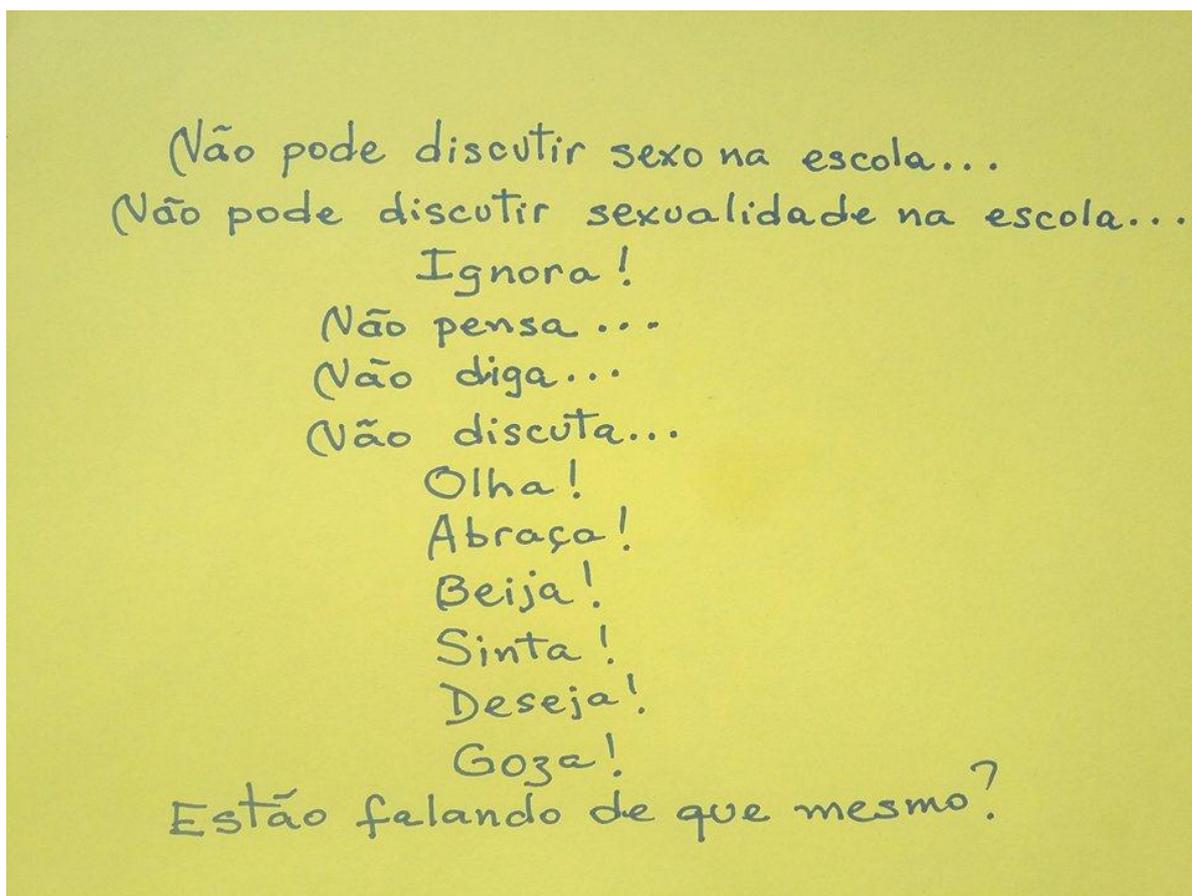
A criação de personagens, uma matéria animada, uma matéria que se movimenta de dobras, de flexibilidades têm o lado de dentro não como um interior, mas o lado de dentro do fora. Uma espécie de solicitação da diferença, que não é

... a emanção de um Eu, é a instauração da imanência de um sempre – outro ou de um Não-eu. Não é nunca o outro que é um duplo, na reduplicação, sou eu que me vejo como o duplo do outro: eu não me encontro no exterior, eu encontro o outro em mim (...) É exatamente como a invaginação de um tecido na embriologia ou a feitura de um forro na costura: torcer, dobrar, cerzir...” (DELEUZE, 2005, p. 105).

Há um vazamento pelas vias da escrita, que não é imaginária nem simbólica, se vista como o esboço de uma linha de fuga. Para Deleuze e Guattari (2012, p.85), “... Nada de imaginário nem de simbólico numa linha de fuga. Não há nada mais ativo do que uma linha de fuga...”.

As paisagens duplicam, dobram, fazem rasgaduras com as regras, com os limites, com as fronteiras... O digrama-traço é superfície que faculta determinadas leis, códigos, alianças morais que percorrem os espaços da escola, da família, da sociedade, da cidade... Singularidades que tendem a deslocar, que não fixam na sua parte interior uma lei eterna e determinante...

Há aí uma relação consigo, um encontro consigo e não com a consciência. A sexualidade é agora uma relação consigo e não com a verdade, com o verídico.... Como diz Deleuze: “o afeto de si para consigo” (2005, p. 111) que não deixa de ser, se metamorfosear. O afeto de si para consigo é o desejo.



Para falar das sexualidades é necessário ir além do discurso racionalista dominante e definidor dos corpos e seus funcionamentos. Inventar uma “outra língua” para os afetos, para dar-lhes passagens. O que se está falando mesmo? Teria alguma coisa para dizer da sexualidade? Esse texto acima põe em conversação a sexualidade... escola? O que pode a escola com os corpos?

*Sexualidades,*

*Nada para dizer...*

*sentir... ir...*

*O corpo experimenta seus n sexos, n movimentos...*

*Faz suas linhas e deixa o código embaralhado...*

*Do que se está falando mesmo?*

Sem absoluto... restam as sexualidades... relações afetivas que podem ou não estar ligadas a genitália igual ou diferente... seria o detalhe que não leva para determinações ou fixidades. O desejo, como produção, esmaga qualquer funcionalidade que funda... Longe das identidades de um sexo, a sexualidade é aberta para as perdas e seus vazamentos identitários... quem deseja se fazer reconhecer? Caberia dizer: deixa-nos viver! Quem é? Ninguém o é... Não há efetivamente o sexo, mas produções das sexualidades... produções sexuais do desejo, agenciamentos sexuais desejantes... quem seria o sujeito dividido, acoplado em um fundo? Devir sexual por vir...

*O desejo se prolifera pelas entre-vias do espaço escolar*



**Imagem:** Fonte: <https://www.facebook.com/esquizografias/photos>

As linhas flexíveis, que atravessam a escola compondo um mapa de intensidades, são emaranhadas e puxadas por encontros. Elas fazem platôs, territórios, mas nenhum território se separa de suas agitações, de suas desterritorialidades. Essas linhas não são unas, não têm a intenção de instalar ou fixar um estado, mas de fazer passar, atravessar.

A escola gera ou escuta seus próprios ruídos, eles estão em todos os lugares, só basta um pouco de silêncio para que eles tomem presença, ou mesmo sem eles, já que os ruídos persistem e insistem diante do plano organizacional escolar.

... Aqui basta um silêncio. Ouviremos tanto os ruídos grandiosos da grande máquina escolar, quanto o ronco sussurrante das pequenas máquinas que estão vibrando o tempo todo em outras sintonias, e que só precisam ser liberadas. Pois é certo que elas estão ali, sempre maquinando para “produzir algo que não exista, produzir uma singularidade na própria existência das coisas, dos pensamentos e das sensibilidades” (GUATTARI e ROLNIK, 2005, p. 213).

A máquina escolar é atravessada por várias sintonias, que ora são liberadas, ora são abafadas, escondidas, negadas, as maquinações produzem caminhos, veredas entre a escola, entre seus muros. Ela não para de produzir ruídos, as sexualidades que atravessam-na são ruídos e não se pode deixar de explorar seus gritos. Mesmo que de forma “silenciosa”, eles aparecem e fazem da máquina escolar um local de corpos que vazam as formas.

As paisagens escolares vão desenhando uma superfície de desaparecimento, um “estado” nuvem sobre as sexualidades, que deixa a permanência das cartografias enodadas, borradas... Existem zonas autônomas dos corpos, nas longitudes de suas paisagens que nada querem, além das singularidades e diferenciações. Meios, só meios escapam aos estratos, sem a fixidez e pessoalidade, mas somente corpos com graus de potência que ligam questões sutis a cada encontro, pois:

Nos encontros dos corpos, quando nos deparamos com variações da potência de afetar e ser afetado, com seus graus mínimos e máximos, com as intensidades e devires, estamos

mapeando os afetos. Perguntaremos em cada caso: o que é componível? Como deixar os elementos 'à vontade'? Por onde os fluxos passam e por onde haverá necessidade de desvios para escapar aos bloqueios? (DE AMORIM, 2010, p.53)

Os lineamentos vão sendo postos, desfeitos, feitos... As paisagens grafias, narrativações, parecem fazer traços de intensidades... traçados que desaparecem para proliferar virtualidades...

Os movimentos rotineiros, que parecem dar vitalidade à escola, são esboçados por corpos que se deslocam dentro dos seus muros nos espaços comuns, como os corredores, as salas de aulas, as quadras de esportes, os banheiros, as áreas administrativas e outras dependências. Mas, há entre esses espaços desarranjos à sua rotina? Micromovimentos! A máquina desejanse promovendo micro-explosões consumidas antes de serem capturadas pelo registro-controle.

Alunos reunidos numa área livre, arborizada e cercada pelos corredores e salas por onde pessoas circularam continuamente. Mas onde é possível falar alto, gargalhar, trocar carícias, tocar violão, escutar música, dançar, exercitar uma outra vivência num espaço, que no conjunto territorial é considerado formal. Nele os corpos quase sempre não estão estáticos, movimentam-se em diferentes velocidades, tornando difícil acompanhá-los. Vez ou outra um casal demonstra seus afetos através da troca de carícias e beijos demorados. Mas alguém lembra: aqui não é lugar para este tipo de coisa! Inútil! Os corpos continuam em movimentos fazendo e desfazendo conexões...

Para Carvalho e Camargo (2015), a topografia da máquina escolar vê-se confrontada com uma quantidade indeterminada de pequenas máquinas, que

são sinais de busca e de afirmação de outras dimensões de percepção do mundo, de (des)institucionalizar a ordem do mesmo, de potencializar os sujeitos como produtores de resistência aos significantes do poder homogeneizado. Para esses autores:

[...] a instituição escolar, como máquina que é, faz uso de toda a sua força para operar os seus alisamentos subjetivos, em uma espécie constante de “repressão”, em outro nível, ela consegue estimular positivamente as pessoas que vivenciam cotidianamente as suas regras (p. 13).

Resistir é inventar modos para burlar proibições, percorrer as vias moleculares ou de fuga. As máquinas desejanter fazem vibrar mais intensamente o espaço escolar com suas pequenas explosões.

Duas meninas sentam lado a lado, corpos colados lateralmente, trocam olhares e dão as mãos discretamente por baixo das mochilas. Alguns minutos se passam e as mãos permanecem juntas, trocam carícias enquanto continuam se olhando, permanecendo com seus corpos conectados um ao outro. Chegam outros colegas, meninos e meninas que permanecem em pé, conversam com euforia e riem, ao mesmo tempo fazem uma parede com seus corpos para que as meninas deixem de existir no campo visual de quem passa pelos corredores, uma forma de se tornar momentaneamente invisível aos olhos dos que cumprem o papel de fiscais. Então, elas trocam um beijo longo naquele espaço localizado no coração da escola.

Guattari (1985), ao falar sobre revolução molecular, reporta-se a “como viver” num mundo transpassado em todos os sentidos por sistemas maquínicos, que tendem a expropriar as singularidades. Esses movimentos micropolíticos pulsam e escapam o tempo todo da máquina social, composta

também pela escola. Nesse espaço, há criações que potencializam o campo da subjetividade, considerando os processos de singularização.

As singularizações são traçadas compondo as linhas moleculares, emaranhadas no cotidiano escolar, escapando da solidez da superfície de registro. Seus fluxos provocam outras vibrações para a afirmação de uma existência criativa, inventiva, mesmo que emaranhada na dureza e na frieza da segmentação molar, fundamentada numa estrutura que se ocupa de arborescências, que opera fechando um sistema para evitar os vazamentos, as fugas.

As sexualidades também são exercitadas como uma micropolítica no espaço escolar. Pois, elas transversalizam a invenção de modos singulares entre os fluxos dos segmentos que perpassam por esse espaço, constituindo multiplicidades. Para Guattari e Rolnik (2005, p. 132):

...sempre haverá uma multiplicidade, pois não existe uma subjetividade de um lado e, do outro, a realidade social material. Sempre haverá “n” processos de subjetivação, que flutuam constantemente segundo os dados, segundo a composição dos agenciamentos, segundo os momentos que vão e vem. E é nesses agenciamentos que convém apreciar o que são as articulações entre os diferentes níveis de subjetivação e os diferentes níveis de relação de formas molares.

Nesse sentido, as sexualidades vividas na escola abrem espaços para produções micropolíticas. Elas trazem a dimensão das intensidades, do engendramento dos devires. O desejo encontra linhas moleculares, criação, formas de expressão entre as salas, os livros, as carteiras, os métodos, os corpos, as palavras, os silêncios.

Elx gosta de dizer que não é menino nem menina, mistura as roupas deixando o visual andrógino, faz isso quase sempre fora da escola, mas o uniforme obrigatório neste lugar não lhe deixa escolha. Diz que não gosta de se sentir parecidx com todo mundo e o uso do uniforme escolar causa essa sensação que não lhe é agradável. Um

dia resolveu tirar o uniforme no banheiro e usar o que levou na mochila, uma meia calça preta, uma saia jeans curta, uma blusa preta transparente e uma jaqueta da mesma cor sem manga, de botas e maquiagem fez uma aparição surpresa pelos corredores da escola... Causou um alvoroço! Sentiu-se tão bem que não queria mais sair de lá...

As sexualidades passam pelas singularizações, podem ser pura diferença, portanto são para afirmar a vida a partir da invenção de outros modos de exercitá-las nos entre-espços escolares... e também fora de seus muros, como praças e parques localizadas no seu entorno.

O Parque Residência, localizado no município de Belém-Pará, é um espaço aberto e próximo de escolas públicas e privadas. Abriga muitos visitantes, entre eles alunos da educação básica vindos dessas escolas próximas de sua área. É comum encontrar o local repleto de alunos vestidos com seus uniformes ou com parte deles. Reúnem-se em grupos para conversar, namorar, cantar, tocar violão, conectar encontros... É ponto de encontro de muitos casais, meninos e meninas, meninos e meninos, meninas e meninas... meninxs vivem seus amores sobre os bancos sombreados por uma vegetação vasta e acolhedora. Parecem não se importar com alguns olhares de espanto e reprovação dos outros visitantes, que não detém a autoridade vigilante e punitiva dos professores e diretores das escolas. Não precisam falar, justificar, obedecer, fingir

que concordam com a reprovação dos seus desejos.

No Parque Residência<sup>12</sup> é possível fissurar as regras, embaralhar as normas, inventar modos de viver as sexualidades, que não se restringem apenas ao contato físico entre os corpos, aos abraços, carícias e beijos, mas à fluidez de suas produções desejantes.

Os modelos vão sendo borrados... as sexualidades transbordam as localizações, esses corpos levam a cabo uma micropolítica, em que o desejo produz modos de vida, agenciando um corpo afetado por uma força desejante que não se deixa submeter a individualidade sexual... Não se marginaliza, pois perderia sua política vital, e põe em fissura as inscrições sociais elencadas pela sociedade e os papéis sexuais, formas sexuais, relações sexuais são efetivamente instáveis e moventes... A qualquer momento o corpo vaza....

---

<sup>12</sup> O Parque da Residência localiza-se na cidade de Belém, no estado do Pará, foi a residência oficial dos governadores do estado a partir de 1934. Mas, o prédio foi desativado e se tornou a sede da Secretaria Executiva de Cultura. Ele possui uma grande área livre, aberta ao público e muito frequentada pelos alunos de várias escolas da educação básica localizadas próximas ao parque.

DESLOCAMENTOS DE UMA (DE)FORMAÇÃO - VARIAÇÕES DE UMA VIDA

Minhas mãos ainda estão molhadas do azul  
das ondas entreabertas, e a cor que escorre dos  
meus dedos colore as áreas desertas.

Cecilia Meireles



“A Onda” de Anita Malfatti, 1917 (Óleo sobre madeira).

Ondas entreabertas, cores que escorrem das mãos na persistente tentativa de colorir outros pensamentos. Pois, pensar é uma aventura arriscada! São séculos de aprisionamento de um pensamento! A lógica da representação<sup>13</sup> clássica o submete aos valores pré-estabelecidos através da sua função cognitiva, impedindo-o de criar novas possibilidades de existência. Essa lógica fomentou o pensamento do julgamento, que produz um rosto efetivado por linhas duras, linhas moralizantes que fazem passar pelo corpo o código, a lei, a moldura, mas não impedem que as linhas maleáveis façam fissuras.

Ondas! Ondas! Geram zonas de vibrações intensas, força vital... Como no livro “As Ondas”, de Virgínia Woolf, há um enredo de sensações não lineares e em constante movimento a partir de várias perspectivas de seus personagens<sup>14</sup>... a vida em movimento, vidas entrelaçadas! Nesta obra, a metáfora das ondas pode remeter à tremulação, agitação, ondulação do próprio pensamento.

O pensamento, na perspectiva não cognitiva, pode arrastar consigo a vida, transformando-a continuamente, criando novas existências, novas ondas, que não remetem ao mesmo pela sua própria forma de movimento e de passagens. Então, como fomentar a atividade criadora, inventiva de mundos e existências? Não existem respostas prontas, mas pelos encontros se configuram possibilidades para que sejam traçadas vias flexíveis e inventivas.

Deleuze afirma que a representação clássica não pode dar conta da natureza “rebelde e anárquica” da diferença. Tal afirmação remete a reflexões e digressões buscadas durante toda uma formação acadêmica e docente, retomadas neste texto de tese, percorrendo os deslocamentos realizados a

---

<sup>13</sup> O termo “representação” (*repraesentatio*) vem do latim e indica a imagem e/ou a ideia de alguma coisa, ideia de conhecimento como “semelhança” do objeto. Na filosofia aristotélica estão as mais remotas bases para a construção desse conceito. Bergson (1934, *apud* Schöpke, 2012), em sua obra *O pensamento e o movente* afirma que o conhecimento representativo é prisioneiro da generalidade e, por esta razão, não nos permite conhecer aquilo que um objeto tem “de único”. A representação não pode apreender o que há de diferente em cada um de nós, o que há de singular em cada objeto.

<sup>14</sup> O livro “A Onda” de Virgínia Woolf, publicado em 1934, é um romance narrativo onde co-existem seis personagens que não dialogam diretamente, mas tem suas vidas entrelaçadas. Seus pensamentos são predominantes, pois durante todo o texto fazem reflexões sobre a vida, a morte e outras impressões que colhem durante suas existências.

partir de rompimentos com uma formação, predominantemente científica, alicerçada na representação e no pensamento dogmático.

Havia uma linearidade na construção do conhecimento... havia conforto em reproduzir as “verdades” impostas pela Ciência Moderna (constrói um modelo metódico que é o motor fundamental para os estudos das ciências naturais)... havia segurança em praticar o método científico, ele conduzia ao resultado necessário à conclusão de uma pesquisa, preocupado com a descoberta de leis, com a experimentação repetitiva, a objetivação dos fatos, resultados precisos e resoluções. A conclusão de uma Graduação em Licenciatura em Ciências Biológicas e de um Mestrado em Ecologia de Ecossistemas Costeiros se deu nessa linha de formação, assim como o exercício da docência em Ciências, Biologia e outras disciplinas afins<sup>15</sup>, tanto na Educação Básica como no Ensino Superior.

O otimismo do pensamento moderno em relação à ciência<sup>16</sup> se impunha analogamente ao que diz Chalmers (1993, p.16): “o homem contemporâneo dedica uma fé cega ao que chamamos respeitosa e de método científico”. A docência pode proporcionar a reprodução deste conhecimento com uma quase devoção, assim como uma idolatria à ciência, como a única via de descobertas para revolucionar o destino da humanidade.

O próprio ambiente de estudos, os laboratórios, por exemplo, promovem um cenário que subjetiva o iniciante na carreira de pesquisador a se ver diferente e importante perante as outras pessoas, atribuindo, assim, um efetivo valor para o cientista, aquele que pode encontrar resultados importantes para resolver problemas da sociedade.

A ciência trabalha com as generalidades e se interessa apenas pelas similaridades, pelas repetições que sustentam a universalização do conhecimento. Ela concebe o mundo natural como a expressão de fenômenos cíclicos e regulares, os quais são “descobertos” e interpretados cientificamente

---

<sup>15</sup> Parasitologia, Microbiologia, Anatomia e Fisiologia, Fundamentos Teóricos e Metodológicos do Ensino de Ciências, Prática de Ensino de Biologia, entre outras.

<sup>16</sup> A Ciência como saber teórico e prático sobre os fenômenos do mundo, sobre as leis naturais, sobre o universo como um sistema completo de regularidades. Na modernidade a ciência é concebida como a solução para os problemas da humanidade, constituindo-se como o pensamento hegemônico capaz de produzir verdades inquestionáveis.

através do método científico. Tais concepções contribuem para a naturalização dos fatos, que são vistos como “essência imutável”, já que a objetividade é uma característica inerente ao pensamento científico, sendo este vinculado à perspectiva da razão clássica como imagem dogmática do pensamento.

A Biologia, como ciência, foi construída nesta lógica, na qual os fenômenos biológicos devem ser elucidados através do método científico para se tornarem “verdades” absolutas, pois este método é considerado a única forma de se chegar ao verdadeiro conhecimento.

Nessa moldura, legitimada por diversas linhas teóricas que circulam na academia e que consolidam a formação de cientistas e docentes, há acomodações. No entanto, uma frase pronunciada por professores-pesquisadores durante a graduação e a pós-graduação (mestrado), a qual era repetida inúmeras vezes na sala de aula, no laboratório e nas atividades de campo, proporcionou uma inquietação contínua e crescente. Tal frase se relacionava ao método científico: “a metodologia utilizada na obtenção dos resultados da pesquisa, para ser validada, precisa ser repetida e gerar sempre o mesmo resultado quantas vezes forem necessárias”.

Inicialmente, a inquietação não incomodou o suficiente para pensar em fomentar questionamentos quanto ao pensamento científico. Mas, houve a oportunidade de praticar quase exaustivamente uma metodologia prévia na pesquisa que resultou na dissertação de mestrado. Durante dezoito meses foram realizadas mensalmente coletas de campo, dados físico-químicos (salinidade, temperatura e pH da água) e biológicos (espécimes de *Mytella falcata* conhecida vulgarmente como sururu ou mexilhão) eram coletados e processados em laboratório para gerar dados estatísticos. Os resultados da pesquisa mostraram a dinâmica populacional da espécie (SANTOS, 2005).

Mais do que a obtenção do certificado de mestre, aquele momento incitou questionamentos em relação à ciência como conhecimento hegemônico. Pois, diante da especificidade do ambiente em que as coletas foram realizadas, não seria possível obter os mesmos resultados descritos com a utilização da mesma metodologia em outros locais. O cenário físico-químico e biológico não seriam os mesmos, o ciclo reprodutivo da espécie estudada não seria igual nos anos consecutivos. Por que o método científico ignorava estas

transformações para preservar a sua infalibilidade? Só há ciência da generalidade?

De acordo com Schöpke (2012, p. 35), "... para Deleuze, quando a ciência fala em repetição, está falando apenas da passagem de uma *ordem de generalidade* a uma outra *ordem de generalidade*". Em "Diferença e Repetição" Deleuze critica a ideia de repetição praticada pela ciência, pois para ele:

Se a repetição existe, ela exprime, ao mesmo tempo, uma singularidade contra o geral, uma universalidade contra o particular, um relevante contra o ordinário, uma instantaneidade contra a variação, uma eternidade contra a permanência. Sob todos os aspectos, a repetição é a transgressão (2006, p. 24).

Assim, ele propõe outra concepção de repetição, a qual não se trata de combater a repetição, mas de aliançá-la à produção de singularidade, de pensar a repetição como repetição da diferença, eterno retorno da diferença e não do mesmo.

O método científico não é infalível, a ciência não é a única via de construção do conhecimento. Esta concepção foi se construindo gradativamente a partir das experiências vividas durante uma formação acadêmica, que era prioritariamente científica. Assim, a "ruptura" com a ciência, como conhecimento hegemônico, não iniciou em nível teórico, mas no âmbito da experimentação, das atividades realizadas no laboratório, como enfatiza Feyerabend (2007, p. 11-12):

... os filósofos da biologia, suspeitavam havia já algum tempo que não há apenas uma entidade chamada ciência, com princípios claramente definidos, mas que a ciência encontra uma grande variedade de abordagem (...) A unidade desaparece ainda mais quando prestamos atenção não apenas em ruptura no nível teórico, mas na experimentação e, especialmente, na moderna ciência de laboratório".

Despret (2011), em seu artigo intitulado "O que as ciências da etologia e da primatologia nos ensinam sobre as práticas científicas?", problematiza a obtenção dos resultados de pesquisas direcionadas por modelos supostamente

neutros ou neutralizadores, mas que são, de fato, enviesadas pela subjetividade do investigador. Para a autora, que realizou no texto mencionado, uma análise dos modelos utilizados pela etologia e primatologia durante as décadas do século XX, eles só apresentaram uma aparente confiabilidade na forma como a pesquisa foi construída. Assim, não há neutralidade para demonstrar a naturalidade de vários comportamentos animais.

A desconstrução não era em relação à importância da Ciência, mas da sua condição de “conhecimento verdadeiro”. Ela pode exercer um assujeitamento do pensamento como atividade criadora, caso não seja compreendida como mais uma leitura do mundo.

Movimentar o pensamento ou asfixiá-lo? Porque praticar a ciência “pura”, ciência neutra e objetiva já não bastava. Havia necessidade de percorrer outros caminhos. Existe mesmo uma ciência pura?

Os encontros com intercessores possibilitam sentir e pensar o mundo, a vida, a ciência, a educação, a escola, o ensino de ciências... com outra perspectiva, a oportunidade de conhecer outras leituras, inclusive sobre a ideia da ciência como uma construção humana que gera conhecimentos não essencializados, mas historicamente construídos e emaranhados por relações de saber-poder.

Os intercessores operam com a máquina produtiva da afirmação, da invenção que experimenta outros cortes, saltos, fragmentos, e que faz da sintaxe o conjunto efetivo dos desvios, onde as palavras cavam buracos, desordem, para ver e ouvir outros nomes (BRITO, 2014).

... O essencial são os intercessores. A criação são os intercessores. Sem eles não há obra. Podem ser pessoas – para um filósofo, artistas ou cientistas; para um cientista, filósofos ou artistas – mas também coisas, plantas, até animais [...]. Fictícios ou reais, animados ou inanimados, é preciso fabricar seus próprios intercessores [...] Eu preciso de meus intercessores para me exprimir, e eles jamais se exprimem sem mim: sempre se trabalha em vários, mesmo quando isso não se vê...” (DELEUZE e GUATTARI, 1992, p. 156).

Entre esses intercessores, duas obras de Deleuze e Guattari, “O que é Filosofia?” (2010) e “Mil Platôs” (2012c) tiveram grande importância nesse

processo de ruptura com a ciência como “verdade”. Na primeira, eles dizem que não há hegemonia da Ciência em relação a outros modos de produzir conhecimentos, como a Filosofia e a Arte. A Ciência tem como objeto funções (seus elementos são chamados *funcivos*), apresentadas como proposições em sistemas discursivos. Ela opera num plano de referência virtual, atualizando-o por funções, ou seja, pelas relações entre variáveis observadas parcialmente, como dizem Deleuze e Guattari (2010, p.155):

[...] o papel de um observador parcial é de *perceber* e de *experimental*, embora essas percepções e afecções não sejam as de um homem, no sentido corretamente admitido, mas pertençam às coisas que ele estuda... Esses observadores parciais estão na vizinhança das singularidades de uma curva, de um sistema físico, de um organismo vivo; e mesmo o animismo está menos longe da ciência biológica do que se diz, quando multiplica as pequenas almas imanentes aos órgãos e as funções, com a condição de lhes retirar qualquer papel ativo ou eficiente, para fazer deles somente focos de percepção e afecção moleculares [...]

Os fatos que escapam de uma ordem de similaridade, que se rebelam à generalidade são ignorados pela ciência. As singularidades são como fantasmas que assombram os pilares do método científico. A ciência tenta se consolidar com a dureza do pensamento dogmático que a sedimenta, com a segmentariedade das linhas duras que a territorializa como ciência régia.

A ciência régia é inseparável de um modelo “hilemórfico”, que implica ao mesmo tempo uma forma organizadora para a matéria, e uma matéria preparada para a forma; com frequência mostrou-se como esse esquema derivava menos da técnica ou da vida que de uma sociedade dividida em governantes-governados, depois em intelectuais-manuais. O que o caracteriza é que toda matéria é colocada ao lado do conteúdo, enquanto toda forma passa para o lado da expressão (DELEUZE e GUATTARI, 2012c, p. 37).

A ciência régia se contrapõe à ciência nômade porque, para esta ciência menor, a matéria nunca é preparada, homogeneizada, mas é portadora de singularidades (que constituem uma forma de conteúdo). Nem toda ciência é

régia, mas ela pode se produzir como máquina desejante em determinadas condições sociais.

E na segunda obra citada, *Mil Platôs*, Deleuze e Guattari falam de uma “ciência menor” ou “ciência nômade”, que se desenvolve excentricamente à ciência régia e não para de ser inibida pelas exigências da ciência de Estado.

[...] O Estado não confere um poder aos intelectuais ou aos conceptores; ao contrário, converte-os num órgão estreitamente dependente, cuja autonomia é ilusória, mas suficiente, contudo, para retirar toda potência àqueles que não fazem mais do que reproduzir ou executar. O que não impede que o Estado encontre dificuldades com esse corpo de intelectuais que ele mesmo engendrou, e que no entanto esgrime novas pretensões nomádicas e políticas. Em todo caso, se o Estado é conduzido perpetuamente a reprimir as ciências menores e nômade, se ele se opõe às essências vagas, à geometria operatória do traço, não é em virtude de um conteúdo inexato ou imperfeito dessas ciências, nem de seu caráter mágico ou iniciático, mas porque elas implicam uma divisão do trabalho que se opõe à das normas do Estado (DELEUZE e GUATTARI, 2012c, p. 37).

Esses autores falam de duas concepções da ciência, ciência régia e ciência nômade ou ciência menor, que são formalmente diferentes, mas para eles estão num mesmo campo de interação. Pois, a ciência régia não para de apropriar-se dos conteúdos de uma ciência nômade e esta não para de fazer fugir os conteúdos da ciência régia. Cada uma dessas ciências opera com movimentos diferentes, enquanto a Ciência régia codifica, modula em suas fórmulas, teorias, resultados, a Ciência nômade trabalha em prol do aberto problemático e dos vazamentos. Ainda, para esses autores:

Seria preciso opor dois tipos de ciências, ou de procedimentos científicos: um que consiste em “reproduzir”, o outro que consiste em “seguir”. Um seria de reprodução, de iteração e reiteração; o outro de itinação, seria o conjunto das ciências itinerantes, ambulantes. Reduz-se com demasiada facilidade a itinação a uma condição da técnica, ou da aplicação e da verificação da ciência... O ideal de reprodução, dedução ou indução faz parte da ciência régia em todas as épocas, em todos os lugares.... Mas seguir é coisa diferente do ideal de reprodução. Não melhor, porém outra coisa. Somos de fato

forçados a seguir quando estamos à procura das “singularidades”... (2012c, p.41-42).

Foi, justamente, pela itinação com as pesquisas dos mexilhões, no momento de aplicação e verificação do método científico, que a ciência se nomadizou! Assim, tais movimentos sacudiram não só concepções sobre a construção do conhecimento, como também a prática docente referente ao ensino de Ciências e Biologia, pois apenas “reproduzir” os conhecimentos da ciência régia não bastava.

Conceitos biológicos, que antes eram considerados naturalizados e ensinados como tais, passaram a ser questionados e concebidos a partir da possibilidade de deslocá-los para além da cientificidade, pois tais conceitos estão atrelados às interpretações, aos movimentos socioculturais. Darwin, por exemplo, não desenvolveu a sua teoria da evolução, deslocado de uma rede de poder e de suas funções históricas e sociais, como coloca Despret (2011, p.69) “... O contexto histórico e social no qual Darwin viveu influenciou nas suas escolhas teóricas. [...] a maneira como os humanos se organizam afeta a forma como eles pensam que os animais se organizam”.

A autora problematiza o fato de Darwin reconhecer nos animais e nas plantas sua própria sociedade inglesa, com sua divisão de trabalho e sua concorrência. Ingênuo é aquele que pensa que as discursividades se impõem na ciência sem guerra, sem luta.

Nesse contexto, a sexualidade passa a se apresentar como possibilidade de ser concebida para além da função biológica, que a considera como expressão de que o corpo produz hormônios, que possui órgãos específicos produtores de prazer, os quais também são responsáveis pela reprodução. Assim, as ciências biológicas contribuem para que a sexualidade seja concebida como algo “dado” pela natureza, inerente ao ser humano, portanto precisa ser tratada primariamente como uma função biológica.

Mas, a vida pode ser ampliada como movimento plástico, como produção das relações socioculturais, como máquinas de ligações, de interações intersubjetivas... Como incluir essas outras dimensões da vida, em

sua conceitualização, para não ficar separando o natural do cultural e excluindo um ou outro? Como fazer fugir a ciência régia em vez de fugir dela?

É interessante notar que “Vida” tornou-se uma defesa comum. Todos fazem sua invocação, até mesmo aqueles que se ocupam de sua manipulação mais feroz. O debate atual sobre a vida é efetivamente inconcluso, como afirma Pelbart (2011, p. 13):

“... o sintoma, talvez, de um paradoxo que está no cerne da condição contemporânea. Por um lado, a vida mesma tornou-se um capital, senão ‘o’ capital por excelência, de que todos, e qualquer um, dispõem, virtualmente, com consequências políticas a determinar...”.

A vida é atravessada pela variedade de corpos em movimentos, em conexões que a levam para um entendimento fora da mera capitalização desenfreada, gerada pelas intensidades dos fluxos (os devires) em altas velocidades, tanto de imagem, de informação, de mídia, de capital.

Na atualidade, o capital que circula por movência em rede, via conexões excessivamente desterritorializadas, produz formas de subjetividades desapropriadas de sua terra, de sua morada, de sua filiação, como diz Pelbart (2011). Então, que redes de afetos, de sentidos e estratégias se devem criar? No interior da máquina de subjetividade, o que se deve agregar, inventar, deslocar ou rivalizar para além das amarras do capital ou da Ciência ligada a ele? Como ocupar o espaço das ruas, das escolas, das casas, das praças? A vida se dá por entre aquilo que Deleuze afirma “afetos e movimentos locais, velocidades e diferenças” (DELEUZE, 1997, p. 47). De que forma, na escola, por exemplo, cria-se a vida para além dos suportes cientificistas?

Para ponderar algumas questões, diz Agamben (2002), que a vida se movimenta pelo biológico, no argumento da palavra *Bios*: vida estruturada por um grupo ou indivíduo; bem como animal-homem, mas também *Bios* como forma, maneira de viver própria de uma singularidade, ou de uma espécie de grupo. A vida de um indivíduo, um tipo de vida que também espalha traçados e encontra linhas fronteiriças que podem sempre distinguir um vivente do outro. Ainda, o mesmo autor fala da vida a partir da palavra grega *Zoé*, que seria a simples forma de viver, um vivente comum, o que os homens podem dividir

com os animais, vida ampliada, que transpassa a vida de um indivíduo. Zoé remete à vida do vivente, do homem com suas relações, com suas experimentações e práticas, suas economias afetivas, seus desejos, suas associações, suas cooperações. Zourabichvili (2004, p.61), ao citar Deleuze, diz que vida é:

[...] uma multiplicidade de Planos heterogêneos de existência, repertoriáveis segundo o tipo de avaliação que os comanda ou os anima (distribuição de valores positivos e negativos); e essa multiplicidade atravessa os indivíduos mais do que os distingue uns dos outros (ou ainda: os indivíduos só se distinguem em função do tipo de vida).

Com isso, para Deleuze, que não pensa um conceito de vida em si, ao qual a amarre em certas estruturas, mas antes enfatiza o caráter diferenciado e diferencial, recusando a ideia de vida como valor efetivamente biológico ou mesmo transcendente, independente da experiência, pois vida se espalha pelas concretudes trans-individuais permeadas com o fora, pelo qual o homem inventa e se recria. Para Deleuze, isso pode ser chamado de vida ou mesmo de vitalidade. Não há a intenção de fazer uma comparação entre os dois pensadores, mas apenas ponderar que a palavra vida sofre ampliações analíticas.

Essas perspectivas vitais extrapolam a engrenagem orgânica regulada por reações físico-químicas, carregam consigo linhas de forças capazes de desarranjar sistemas tendenciosamente harmônicos. A sexualidade compõe tais linhas e contribui para desarranjar as estruturas fechadas do pensamento biologizante. Ela não está aprisionada no frágil calabouço da ciência, mesmo que seus movimentos se deixem segmentarizar para compor linhas molares (composta pelas regras e códigos), ela escapa esburacando a solidez destes segmentos duros e mostra seus movimentos mais intensos quando compõe as linhas flexíveis (linhas moleculares e de fuga), onde a vida não arqueja... ela flui.

A sexualidade não é apenas fluxo de hormônios circulando pela corrente sanguínea! Pois não está fundamentada numa infra-estrutura orgânica, seu entendimento não é dado por conhecimentos estáticos, interiorizados, nem

pela lógica da representação. Ela aponta outras engrenagens! E assim pode sair do casulo biologizante.

Os deslocamentos, aqui narrados, que são atravessados pelos fluxos da sexualidade na escola, retirando-a de um prospecto universalizante ratificado pela ciência, compõem movimentos de uma (de)formação acadêmica e docente aberta aos processos criativos.

A (de)formação, é antes de tudo, a abertura para o pensamento produtivo e não representativo, percorrido pelas variações dadas pelos encontros e pelas afetações. Encontros com os livros, com as falas, com os alunos, com os professores, com os documentos oficiais que regem a educação, com o cotidiano escolar, com as ruas... Nesses movimentos, sentir-se meio, corpo sem delimitações, mas como máquina desejante conectado com outras máquinas. Prolifera a vida não individual, o sujeito se desfaz, o objeto se desconfigura!

A vida deixa de ser reduzida aos processos biológicos<sup>17</sup> e conota outras possibilidades para percorrer sua potência, a vida individual se apaga em favor da vida singular imanente. Deleuze (2002), em seu texto *A imanência: uma vida* diz que "... O campo transcendental se define por um plano de imanência, e o plano de imanência, por uma vida (p. 12)".

O plano transcendental não remete a um objeto nem a um sujeito, não há um "eu" consciente nesse plano. Embora, a consciência e o ego existam para experimentarmos a vida por meio deles, mas como produções a partir do plano de imanência. Eles não são o único, nem o meio primordial da experiência, pois existe uma experiência imanente que não depende de um sujeito e de um mundo separados a priori, distinta da experiência na qual a separação entre sujeito e objeto está predeterminada.

---

<sup>17</sup> Para a Biologia a vida é um fenômeno com atributos básicos, dos quais os mais importantes são: composição celular, requisição de energia, metabolismo, reprodução, evolução... essas características estão relacionadas a um indivíduo capaz de mantê-las de forma autônoma.

Tal campo escapa de toda a transcendência<sup>18</sup>, tanto do sujeito como do objeto, pois não se reporta a “algo” como unidade superior, nem a um “sujeito” que opera a síntese de todas as coisas. O campo transcendental é como uma vida que não depende de um “ser” e não está submetida a um “ato”.

Tornar-se aluna, docente, pesquisadora traçando linhas desapartadas do pensamento transcendente, dos conhecimentos universais hegemônicos, da concepção de um mundo estático pronto para ser decifrado, da educação moldada por protocolos que aprisionam processos inventivos... é seguir pelas linhas sem rotas pré-determinadas, que deslocam a vida para uma vida...

---

<sup>18</sup> No texto “Os rincões da Imanência”, Deleuze (2016) diz que há toda uma tradição platônica, neoplatônica e medieval seguidora de um universo suspenso no Uno como princípio transcendente. Nele, os seres têm mais ou menos realidade, de acordo com sua distância ou sua proximidade relativa a esse princípio, ou seja, “... o ser é unívoco, igual: isto é, os seres são igualmente ser, no sentido em cada um efetua sua própria potência numa vizinhança imediata com a causa primeira... (p. 277).

PELAS LINHAS FLEXÍVEIS E EM ABERTURAS...



Imagem: <https://razaoinadequada.com/2012/12/29/>

*Estar, ser, tornar-se corpos na escola  
e nas suas desterritorializações,  
através das forças que compõem um campo de imanência,  
atravessados por desejos e por afetos.*

*Mapas abertos movimentados pelos encontros,  
traçados pelas imagens e narragrfias  
colocam as sexualidades como desejo.*

*Corpos (des)funcionalizados,  
as linhas moleculares e de fuga  
não param de fazer fissuras.*

*... Deslocamentos!*

*Movimentos!*

*Encontros!*

*Afetações!*

*Experimentações que não cabem nesse texto,  
deixando-o lacunoso,  
com aberturas  
para poder percorrê-lo pelo meio,  
sendo possível fazer outras composições  
traçadas pelas linhas flexíveis,  
que esburacam o pensamento UNO,*

*criando modos de viver as sexualidades  
desviadas das segmentações que coagulam seus fluxos.*

*(Des)Identificar!*

*(Des)Classificar!*

*(Des)Regrar!*

*(Des)Estabilizar!*

*(Des)Fixar!*

*Que podem as n sexualidades nos entre-espacos da escola?*

*Criar*

*Inventar*

*Potencializar*

*Desejar*

*Produzir*

*Experimentar*

*Aos leitores cabem fazer suas experimentações*

*pelas aberturas do texto...*

*pois ele não amarra finalizações em pacotes conclusivos.*

*Sua intenção foi dobrar, experimentar vidas...*

*blocos de afetos em pequenos retalhos,*

*que fizeram montar/cortar um tecido retalhado e costurado*

*com pontos abertos...*

fissuras para fazer correr a vida, a sexualidade, as sexualidades.

A vida corre, a imanência atravessa os corpos,  
sempre devir-acontecimento,  
levando escritor-leitor para nadarem em águas turbulentas.

Neste agora, que atravessa a escrita, é possível dizer  
que os movimentos persistem  
e o estudo ainda interessa e varia;  
a pesquisa pode entrar em outras zonas criativas...

O interesse de saber o que não se sabe é o que movimenta o  
problema, é que violenta o pensamento  
e o leva para outros encontros possíveis,  
porque pensar está sempre em uma conexão com o fora,  
com o afeto, com as forças  
que jogam o afetado na ponta de seu próprio saber  
que se imagina algo a dizer.

Nessa ponta extrema do saber e não saber  
é que pode separar a ignorância e o saber  
passando um pelo outro...

Assim, a escrita é vida, a pesquisa não diz é, mas faz e...e...e...e

Do que se buscou há ainda uma busca,  
mas sobre o que se busca não é sobre o que se sabe...

*Sexualidades, escola, vidas, encontros...*

*ainda se busca, que outras pontes possam ser atravessadas  
e quem sabe, até para não dizer do que foi dito,  
mesmo que o dito ainda não tenha sido efetivamente dito.*

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. **Homo sacer: o poder soberano e a vida nua**. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

ALTMANN, H. **Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v.9, n.2, p. 575-585, 2001.

ANSOLIN, A. M. W. M. **Cartografia da História da Sexualidade: entre Foucault e Deleuze**. 2014. 113 f. Dissertação (Mestrado) – Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual do Oeste do Paraná-UNIOESTE, PR, 2014.

BRASIL. Ministério da educação, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Orientação Sexual: apresentação dos temas transversais**. Brasília: MECSEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Médio e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Ensino médio, Brasília: MEC/SEMTEC, 1998.

BRITO, M. R. **Escrita como abertura vital: por entre linhas deleuzianas**. *Alegrear*. Campinas, n. 13, p. 01-14, 2014 .

BRITO, M. R. **Entre as linhas da educação e da diferença**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2015.

CARVALHO, A. F. de; CAMARGO, A. C. de. **Guattari e a topografia da máquina escolar**. ETD - Educação Temática Digital, Campinas, SP, v. 17, n. 1, p. 107-124, jan./abr. 2015. ISSN 1676-2592. Disponível em: <<https://www.fe.unicamp.br/revistas/ged/etd/article/view/6457>>. Acesso em: 29 jul. 2015.

CHALMERS, A. F. **O que é Ciência afinal?** São Paulo: Brasiliense, 1993.

CORRÊA, S. L. **Análise da crítica de Deleuze e Guattari à noção psicanalítica de sexualidade como modo de constituição da subjetividade** . 2006. 155 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP, 2006.

DE AMORIM, S. C. **Uma ideia de cartografia**. 2010. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, SP, 2010.

DELEUZE, G. **A ilha deserta**. São Paulo: Iluminuras, 2010.

DELEUZE, G. **A imanência: uma vida**. Tradução de Tomaz Tadeu. Educação & Realidade. Porto Alegre, Faculdade de Educação (UFRGS), v. 27, n. 2, julho-dezembro, 2002.

DELEUZE, G. **Crítica e Clínica**. São Paulo: Editora 34, 1997.

DELEUZE, G. **Diferença e repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

DELEUZE, G. **Dois regimes de loucos**. São Paulo: Editora 34, 2016.

DELEUZE, G. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Kafka: por uma literatura menor**. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs**. Vol. 1. São Paulo: Ed. 34, 2012a.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs**. Vol. 3. São Paulo: Ed. 34, 2012b.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs**. Vol. 5. São Paulo: Ed. 34, 2012c.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Ed. 34, 2010.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** São Paulo: Editora 34, 2010.

DELEUZE, G.; PARNET, C. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.

DESPRET, V. **O que as ciências da etologia e da primatologia nos ensinam sobre as práticas científicas?** Fractal: Revista de Psicologia. Rio de Janeiro, 23(1): 59-72, 2011.

DOSSE, F. **Gilles Deleuze & Félix Guattari: biografia cruzada**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

FEYERABEND, P. **Contra o método**. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

FOSTER, D. W. **Consideraciones sobre el estudio de la heteronormatividade em la literatura latinoamericana**. Letras: literatura e autoritarismo, Santa Maria, n.22, 2001.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FOUCAULT, M. **Os anormais**. Curso no Collège de France (1974–1975). São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GALLO, S. (org.). **As diferentes faces do racismo e suas implicações na escola**. Campinas: Leitura Crítica/ALB, 2014.

GUATTARI, F. **Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo**. Tradução de Suely Rolnik. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

GUATTARI, F. **Psicanálise e Transversalidade**. São Paulo: Ideias & Letras, 2004.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolíticas: cartografias do desejo**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

JAPIASSU, H. **Como nasceu a ciência moderna: e as razões da filosofia**. Rio de Janeiro: Imago, 2007.

MACHADO, R. **Deleuze, a Arte e a Filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

MASNY, D. **Cartographies of becoming in education: a Deleuze-Guattari perspective**. Qualitative Research in Educacion, 3(1): 119-122. 2013.

MEIRELES, C. **Uma antologia poética**. Organização e apresentação Fabrício Carpinejar. Porto alegre, L&PM, 2014.

MOSTAFA, S. P. **A força do estruturalismo francês na análise dos produtos culturais**. Educação Unisinos, 10(3): 237-242, 2006.

NIETZSCHE, F. **Crepúsculo dos Ídolos**. Notas, apresentação e tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

ORLANDI, L. **Um gosto pelos encontros**. Disponível em: <http://deleuze.tausendplateaus.de/wp-content/uploads/2014/10/Um-gosto-pelos-encontros-Artigo-de-Luiz-Orlandi1.pdf> Acesso em: 10/03/2016.

PELBERT, P. **Vida capital: ensaios de biopolítica**. São Paulo: Iluminuras, 2011.

PRECIADO, B. **Manifesto contra-sexual**. Madrid: Opera Prima, 2002.

PRECIADO, B. **A política do desejo**. Revista Cult, ano 17, agosto de 2014, p.10-13.

RAGO, M. **A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

RANCIÈRE, J. **A partilha do sensível: estética e política**. São Paulo: EXO experimental org: Ed. 34, 2005.

RANCIÈRE, J. **O destino das imagens**. Rio de Janeiro, RJ: Contraponto, 2012.

SANTOS, H. **Levantamento da densidade, biomassa e área de Bancos de mexilhões *Mytella falcata* (d'ORBIGNY, 1846), localizados em Nova Olinda, Augusto Corrêa, PA.** 2005. 73 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Biologia Ambiental, Campus Universitário de Bragança, Universidade Federal do Pará, Bragança-PA.

SANTOS, H.; BRITO, M. **Deslocamentos... Fabricações... Experiências Docentes....** In: VII Colóquio Internacional de Filosofia da Educação, O que pode a escola hoje em nossa América? Rio de Janeiro. 2014.

SCHÉRER, R. **Émile Perverti.** Paris: Roger Laffont, 1974.

SCHÉRER, R. **La Pedagogía Pervertida.** Barcelona: Laertes, 1984.

SCHÖPKE, R. **Por uma filosofia da diferença: Gilles Deleuze, o pensador nômade.** Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SIMONDON, G. **A gênese do indivíduo.** Cadernos de Subjetividade: O Reencantamento do Concreto, p. 97-117 . 2003.

ZOURABICHVILI, F. **O vocabulário de Deleuze.** Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2004.